

NEED



SUMÁRIO

04	EDITORIAIS	ÉGUAS DA NOITE	21
06	MEDOS	ENTREVISTA: MARIO KAMIA	22
08	PANTOFOBIA	OS MEDOS DE QUEM VIVE DE AVENTURAS	25
10	DA ANGÚSTIA AO PÂNICO	CATEGORIAS DE BASE	26
11	UMA LUTA CONTRA A FOBIA SOCIAL	CEDO DE MAIS?	28
12	ONDE O HIGH-TECH. NÃO TEM VEZ	A SOMBRA DO HIV	30
13	DESCONHECIDA, TEMIDA E INEVITÁVEL	AQUELA SOBRE DOWN	32
14	OS MEDOS DA MORTE	DE ÁLCOOL E DE SANGUE	34
16	ZUMBIS	O MEDO SEM TETO	35
18	A FÁBRICA DE SUSTOS	INSEGURANÇA COMERCIALIZADA	36
20	O MEDO DURANTE O SONO	NÃO É. CHANGA	37

EDITORIAIS

PENSANDO O PRÓXIMO SEMESTRE

Wladimir Ungaretti

Esta turma não teve o melhor de mim como jornalista e como professor. Não tenho nenhuma dificuldade em reconhecer, publicamente, o fato de que não realizei um bom semestre. Por sinal já não vinha realizando bons semestres, nos últimos dois anos, muito como decorrência do fato de não estar podendo dispor de um escritório de trabalho e, por conseguinte, dos meus livros. Esta limitação se refletia de forma muito acentuada em toda a minha atuação em sala de aula. Tinha como prática – em semestres anteriores – disponibilizar ao maior número possível de alunos, materiais que, através da leitura e consulta, pudessem enriquecer não só a discussão da escolha do tema, como a seguir na elaboração respectivas pautas. Esta importante prática ficou prejudica.

Passei este semestre, materialmente e espiritualmente, envolvido com a reformulação do meu modo de vida de tal forma que esta questão fosse resolvida. Sai de um bairro, próximo à faculdade, onde é possível rapidamente resolver o dia-a-dia e fui morar na periferia, mas com uma enorme expectativa pela retomada das condições de voltar a trabalhar tendo um escritório organizado. Isso consumiu, literalmente, todas as minhas energias. E, pela primeira vez, nos últimos vinte anos, a atividade de sala de aula não esteve como centro das minhas atenções. Não estive ligado.

Estas circunstâncias, no entanto, não foram decisivas ao ponto de se refletir na qualidade da publicação. Este 3x4 mantém o espírito dos anteriores. Um “fazer jornalístico” que aproveita, ao máximo, a oportunidade para realizar um jornal laboratório singular e que tenha a “cara da turma”. Esta turma realizou o 3x4 com algo absolutamente essencial em nossa profissão, o trabalho coletivo.

Fica da minha parte a promessa de um próximo semestre mais ligado.

UM BOM SEMESTRE

Comissão Editorial

2012/1 foi um BOM SEMESTRE. Desculpa, professor, temos que discordar aqui. É com essa declaração que queremos começar o editorial, porque vão lá olhar qual foi a última 3x4 que toda turma escreveu matéria. Vencemos. Ah, e é A 3x4, né? Nesse semestre, todo mundo superou os seus medos e depois de muitos semestres fazendo tudo sentado, foi a campo mostrar o seu lado das coisas. Mas a gente, da comissão, ainda tá morrendo de medo aqui: de que xinguem as nossas correções, não gostem do projeto gráfico e de sermos enterrados vivos e nós acordem no caixão. Láís, teu medo é coletivo agora, tu traumatizou todo mundo.

Mesmo depois de todos puderam dormir até tarde na quinta-feira, continuamos nos encontrando pra dar um rumo pra essa REVISTA. E só nós mesmos temos noção do que saiu. Foi muito divertido ficar conversando sobre nossos medos durante as reuniões, cada um com uma história melhor que a outra, e ouvir o Ungaretti com as suas eternas histórias.

É estranho que quem escolheu fazer isso fomos nós mesmos e não os outros – quer dizer, a gente sabe que é muito melhor que os outros e por isso tem autoridade pra revisar os textos, mas o que eles devem achar disso?

E o resultado final? Esperamos que fique tão bom no papel quanto ficou na tela e que vocês – principalmente nossos coleguinhas, porque essa revista é de todo mundo – gostem tanto quanto a gente.

Semestre que vem a gente volta com a melhor Sextante da história. Aguardem.

MEDOS

ANDRÉ LACASI

"envelhecer sem realmente crescer"

ARETHUSA SILVESTRE DIAS

"ser menos do que posso ser"

ARIEL ENGSTER

"serpentes e morte"

ARTHUR CASA NOVA NONNIG

"não ser o que acredito ser"

ARTHUR WOLFF HACK

"ser uma pessoa frustrada"

BRUNA OLIVEIRA

"cachorros, dos fequidos aos maiores que eu"

CRISTIAN FERREIRA PHEULA

"solidão"

DAIANE VIVAN POMATTI

"ver filme de terror no cinema"

GUILHERME FUMEO ALMEIDA

"ficar preso em uma caverna"

ISADORA SPINELLI JACOBY

"ser atacada por ratos enquanto durmo"

JÚLIA PELLIZZARI

"não conseguir realizar meus planos"

LAÍS GUIMARÃES WEBBER

"ser enterrada viva e acordar no caixão"

LAURA BECKER DA LUZ

"ficar velha e não ter feito o que sonhava"

MAITÉ DELUCA KÖNIG

"gente fantasiada que interage nas ruas"

MARCEL HARTMANN

"e se eu não puder tocar as pessoas com a escrita?"

MELISSA PINHEIRO ÁVILA PERES

"perder alguém da família bruscamente"

NATASHA WOLWACZ HEINZ

"movimentos bruscos (e facas, ultimamente)"

PATRÍCIA GUIMARÃES FERREIRA

"ficar sozinha"

PATRICIA SOLDATELLI VALENTE

"perder as pessoas que amo"

PRISCILA BERWALDT DANIEL

"viver sem as pessoas que amo"

PRISCILA KICHLER PACHECO

"do futuro, do que eu não sei"

STEFANIE DOS SANTOS CIRNE

"não corresponder ao que os outros esperam de mim"

STÉFANO MARIOTTO DE MOURA

"perder aqueles que amo"

WLADYMYR UNGARETTI

"envelhecer sozinho"

pantofobia

Natasha Heinz

ACMIOFOBIA
TAFOFOBIA
CATISOFOBIA
BLENNOFOBIA
HIPOPOTOMONSTROSESQUIPEDALIOFOBIA
ANUPTAFOBIA
PTESIOFOBIA
NELOFOBIA
PENTEROFOBIA
ESCOPTOFOBIA
HIPENGIOFOBIA
HILOFOBIA
CAETOFOBIA
HAFEFOBIA
CAINOTOFOBIA
GEUMAFOBIA
CACORRAFIOFOBIA
CERAUNOFOBIA
AMBULOFOBIA
GLOBOFOBIA
ERGASIOFOBIA
LINONOFOBIA
HIDROFOBIA
DEIPNOFOBIA
DEXTROFOBIA
MAIEUSIOFOBIA
MIRMECOFOBIA
HIDROFOBIOFOBIA
LACHANOFOBIA
MAGEIROCOFOBIA
NOVERCAFOBIA
MALAXOFOBIA
FRONEMOFOBIA
SINGENESOFOBIA
SIDERODROMOFOBIA
QUOFOBIA
QUIFOFOBIA
SINISTROFOBIA

A ideia era fazer uma reportagem sobre medos "simples", que todo mundo tem. Medos estranhos, aqueles que são só teus e que os outros acham muito engraçados — nada de coisas complexas, traumas, fobias, gente que precisa de tratamento psiquiátrico, só aquela coisa que tu leva um susto, te recupera, levanta o queixo e segue a vida. Daí, na minha super-pesquisa jornalística-pré-reportagem, descobri que existe

PTERONOFOBIA

que é: o medo irracional de que alguém lhe faça cócegas com uma pena. Especificamente com uma pena. Desde lá, minha vida nunca mais será a mesma; e aposto que a tua, que tá se prestando a ler essa bobagem, acabou de mudar também.

Desde pequena, tem um medo incrível de portas e de baixo de mesas. Quando criança, à noite, se sentia sede usava todos os métodos de persuasão que conseguia para convencer a mãe a buscar um copo d'água na cozinha, que ficava do outro lado do enorme apartamento. Se não dava certo, ponderava por alguns minutos se realmente queria tanto assim a bebida. Decidindo que sim, a aventura começava. Dava vários de seus pequenos passinhos até a porta do quarto, acendendo a luz, em seguida, sem olhar para os lados, pulava para o outro lado do corredor, apertando o interruptor do banheiro. Ainda havia três portas e uma grande mesa de jantar pelas quais tinha que passar antes de se encontrar sã e salva na cozinha iluminada. A menina então corria, acendia a luz do escritório, a luz do segundo banheiro e acelerava o passo na hora de passar pelo hall de entrada e logo depois pela sala de jantar que àquela hora era iluminada pelos postes de luz da rua que brilhavam dentro do apartamento. Finalmente, a cozinha. O copo não poderia estar cheio até as bordas, pois ainda havia toda a estrada de volta. Corria, apagava as

luzes e deitava na cama, enrolando-se no cobertor com estampa de personagem de desenho animado. Até hoje, não sabe do que tem medo quando para pra pensar sobre isso: pessoas não escalam cinco andares para entrar em um apartamento, ela adora animais e nunca acreditou ou se assustou com a ideia de fantasmas ou seres de outros planetas.

As pessoas são assim, meio estranhas mesmo. Todo mundo tem medo de alguma coisa — "um medo de criança", como do bicho embaixo da cama que vai puxar os pés à noite. Alguns desses medos continuam com as pessoas ao longo do tempo. E outros, ainda mais estranhos, surgem até mesmo depois de crescidos. Só que claro, nenhum ADULTO vai dizer que tem medo de algo como ANATIDAEFOBIA (medo de ser observado por patos), ele vai contar uma história como se muito antiga... até que tu vê um homem feito, de barba na cara, pedindo para parar "de brincar com isso porque espírito é coisa séria." Cada um com sua religião, tudo bem, mas se ele não tem nenhuma?

Variantes dos assuntos "fantasma" e "escuro" são as mais fáceis de achar. Quase toda criança não aceita ficar com a luz apagada de jeito algum porque sempre pode aparecer um monstro ou outro. Deixar porta de armário aberta ou espaço embaixo da cama também é proibido, vai saber o que se esconde ali, não é mesmo? O que eu nunca tinha ouvido falar era do contrário: uma senhora me contou que quando era criança gostava mesmo era do breu na hora de dormir. Por quê? Com a luzinha que a mãe insistia em deixar acesa, a noite inteira passeavam pelo corredor sombras de diversas formas e tamanhos que não deixariam nenhuma criança com um pouco de imaginação dormir.

Cada um tem seu medo inexplicado - provavelmente, Freud os explica, mas Freud explica tanta coisa que chega a perder a graça - aquele que quando sai do esconderijo faz os outros rirem. Esses medos não machucam ou incomodam ninguém; se qualquer coisa, dão uma história pra contar. Eu, por exemplo, não passo perto de pombas nem que me paguem: elas já TENTARAM me atacar diversas vezes. E têm cara de assassinas. Tem gente que tem medo de galinha - e as coitadas nem voam. A menina, que aparentemente divide esse medo estranho com os primos, estava chateadíssima quando me contou: "Quando eu tinha uns cinco anos, gostava de brincar em uma espécie de armário (despensa?) que tinha na casa da minha vó, só que meu avô não gostava disso. Ai ele falava que se eu brincasse ali, ele ia me trancar no lugar com um monte de galinhas e elas iriam bicar minha mão até fazer um furo que desse pra ver do outro lado." Mais de 15 anos se passaram desde então e ela não chega perto do armário e, muito menos, das galinhas.

Nas diversas entrevistas (ligações para amigos "DE QUE TU TEM MEDO?" "QUE?") feitas durante essa reportagem, fiquei sabendo de uma guria que tem medo de Chiuaua (poderia ficar falando o nome dessa raça pra sempre: auauaua), aqueles cachorrinhos feios, com cara de rato, do tamanho das mãos dos donos. Tudo bem, muita gente tem medo de cachorro, mas a amiga em questão tem em casa dois ROTTWEILLERS, provavelmente maiores que ela. Só uma nota: essa raça costumava, segundo a Wikipédia, ser criada por açougueiros na Alemanha. Contudo, em um dia fatídico, foi um chiuaua que correu atrás dessa moça e tentou atacá-la.

Muitos (?) têm medo de que o ventilador de teto solte e arranque a cabeça das pessoas. A pior parte é que eu tive uma colega que levou uma paulada do ventilador. Acho que ela subiu em um banco para alcançar algo no alto do armário ou coisa parecida e acabou chegando perto demais das pás, que não viu girando. A notícia boa é que, até onde lembro, ela nem precisou levar pontos. Superem esse medo, galera: se o ventilador sair voando, vocês no máximo vão ganhar uns arranhões.

Bonecas são outros seres que podem criar vida durante a noite, é o que dizem, e isso assusta bastante alguns. Vai que todas elas são assassinas, né. Nem precisa tanto, na verdade, imagina acordar um dia e ver tuas Barbies alegremente conversando durante o chá ou teu ursinho, o Teddy, assistindo alegremente à TV. Acho que se eu parar pra pensar nisso não durmo mais à noite, porque minhas bonecas poderiam formar um exército. Acho que chegou a hora de guardá-las em caixas.

Uma vez, há muitos e muitos anos (em uma terra distante), tive uma amiga (é sempre uma amiga) que prendeu a calça na escada rolante. Era um daqueles alegres anos em que a calça boca de sino tinha voltado à moda e a menina não respeitou o aviso e colocou o pé naquela faixa amarela que-não-é-pra-pisar. Resultado: na hora de sair da escada, ela não conseguiu sair. Foi preciso muitos gritos e ajuda de estranhos para que ela não perdesse a calça. De estranhos, é claro, porque no auge dos meus doze anos, tudo que consegui fazer foi rir e fingir que não a conhecia. Injusto da minha parte, já que uma vez, caí de boca no chão de uma loja, pois meu cadarço tinha ficado preso na escada. E todas essas histórias por que...? Acredito que, por causa de incidentes como esses, existe gente que tem medo de ser sugada pela escada rolante. É, ser esmagada por ela aos poucos, levada lá pra baixo e ficar girando pra sempre. Girando pra sempre? Bom, pode acontecer... eu acho.

E talvez os medos mais estranhos de que eu tenha ouvido falar sejam os seguintes: que a geladeira caia e esmague alguém e que a maçaneta exploda em mil pedaços. A mesma pessoa - estranha (desculpa) - tem esses dois medos. Depois dessa, eu não consigo nem... Preciso pensar mais um pouco sobre o assunto para dar uma opinião. Em todo o caso, deixo uma dica: se a maçaneta cair, não a coloque em cima da geladeira.

Agora é quase meia-noite e eu preciso entregar essa matéria amanhã de manhã. Estou com muita, muita sede; mas acho que vou ficar por aqui mesmo, porque já passei da idade de pedir pra minha mãe ir até a cozinha por mim... e bem capaz que eu vou passar perto da mesa de jantar nessa escuridão, né.

MEDO DE TOMAR BANHO, MEDO DE RUAS OU CRUZAMENTO DE RUAS, MEDO DE AGULHAS DE INJEÇÃO OU OBJETOS PONTUDOS, MEDO DE ANDAR, MEDO DE FICAR SOLTEIRO, MEDO DE DESORDEN, MEDO DE LIMO OU COISAS VISCOSAS, MEDO DE FRACASSO OU DE FALHAR, MEDO DE PELOS, MEDO DE NOVIDADES, MEDO DE SENTAR-SE, MEDO DE TROVÃO, MEDO DE PALHAÇOS, MEDO DE JANTAR E CONVERSAS DO JANTAR, MEDO DE OBJETOS DO LADO DIREITO DO CORPO, MEDO DE ADOLESCENTES, MEDO DE CASAS OU ESTAR EM CASA, MEDO DE FICAR VERMELHO, MEDO DE TRABALHAR, MEDO DE ESTAR SENDO OLHADO, MEDO DE PENSAR, MEDO DE CRUZAR PONTES, MEDO DE AR, MEDO DE BEXIGAS, MEDO DE SABORES, MEDO DE PECAR, MEDO DE SER TOCADO OU DE TOCAR EM ALGUÉM OU EM ALGO, MEDO DE ÁGUA, MEDO DE CONTRAIR HIDROFOBIA, MEDO DE FLORESTAS, MEDO DE RESPONSABILIDADE, MEDO DE PALAVRAS GRANDES, MEDO DE VEGETAIS, MEDO DE CORDAS, MEDO DE COZINHAR, MEDO DA INFÂNCIA, MEDO DE FAVAR, MEDO DE FORMIGAS, MEDO DE FLORESTAS ESCLARAS OU À NOITE, MEDO DA MADRÁSTRA, MEDO DE VIDRO, MEDO DA SOGRA, MEDO DE VIAJAR DE AVIÃO, MEDO DE PARAR, MEDO DE COISAS DO LADO ESQUERDO, MÃO ESQUERDA, MEDO DE TREM OU VIAGEM DE TREM, MEDO DE PARENTES, MEDO DE SER ENTERRADO VIVO.

PANTOFOBIA: MEDO DE TUDO



Natasha Henny

da angústia ao pânico

Patrícia Guimarães

Foram dois anos à base de antidepressivos que a faziam ter os piores pesadelos, seis meses frequentando um grupo de apoio, três anos afastada do trabalho e, junto disso, duas crianças pequenas para criar e um marido que não a apoiava. Essas foram as consequências e a causa que fizeram Marcela, hoje com 60 anos, passar do cansaço físico à angústia, à depressão e ao pânico.*

Em 1996, Marcela trabalhava na indústria, das 19h às 6h, contra a vontade do marido. A situação financeira da família era grave, mas parecia que só ela enxergava isso. Às 11h arrumava o almoço e as meninas para a escola. A uma da tarde, elas saíam de casa. Entre 13h30min e 17h30min, Marcela perambulava perto da escola das filhas porque, se voltasse para casa, gastaria com o ônibus e o dinheiro da família não permitia esse tipo de luxo. Das 7h até as 11h, ela dormia. Essa rotina se repetiu por mais de um ano.

O começo da doença

Era madrugada e o expediente não havia chegado à metade. Marcela sentiu o lado esquerdo do corpo paralisar e um medo profundo. E pediu ajuda. Foi levada para o hospital e confirmada uma crise de pressão alta, sem nenhum motivo aparente. No outro dia, a crise se repetiu e os cuidados também. No próximo, idem. E, por mais alguns, a rotina de Marcela terminava no hospital. Ela foi afastada do trabalho.

Quando os médicos perguntavam o que tinha, ela chorava. Por indicação expressa, buscou ajuda psiquiátrica. Antidepressivos fortes dividiam espaço na bolsa com os remédios para controlar a pressão. Mas os efeitos colaterais foram tão fortes quanto os medicamentos e potencializaram os medos com que Marcela já convivia.

"O desânimo era enorme. Eu ficava em cima da cama todo o tempo que estava em casa. Se saísse para a rua, sentia que era vigiada, seguida. Se tomasse banho, tinha medo de levar um choque e morrer. Sentia insônia e não queria dormir porque via baratas enormes, maiores que as minhas duas mãos juntas, andando pela parede. E eu morria de medo de barata", desabafa.

Resultados da mágoa

Marcela odiava gritos e brigas, e essa característica no marido a incomodava profundamente. Para não alimentar as brigas frequentes por causa de dinheiro, ela se anulava e guardava as insatisfações e mágoas para si. O resultado? Pânico, depressão e incapacidade de trabalhar.

Enquanto estava afastada do trabalho, procurou um grupo de apoio a mulheres com depressão. Lá, viu casos graves, mas nada que amenizasse a angústia e o medo que sentia das coisas. Uma vez por semana, encontrava outras mulheres e chorava sem saber o porquê. Marcela foi diagnosticada com depressão e síndrome do pânico.

O tratamento com antidepressivos levava alguma tranquilidade, pois ela esquecia dos problemas. Enquanto as filhas estavam estudando, ela passava as tardes na casa de uma amiga, ou em igrejas, alternando entre cochilos e crises de choro.

Uma dica valiosa

O grupo de mulheres acabou e os remédios foram interrompidos por conta própria depois de um conselho da médica. "Ela disse que a cura para os nossos problemas era arrumarmos uma ocupação. Uma atividade manteria a cabeça ocupada. E eu voltei a estudar."

Aos 46 anos, Marcela se aposentou por invalidez, voltou para o Ensino Médio e começou a acumular atividades. Menos de um ano depois, se separou. Hoje, ela ainda tem medo de baratas, mas aquelas enormes, que habitavam seus sonhos, só fazem parte de um passado de sofrimento e lições aprendidas.

*Nome fictício



Patrícia Guimarães

uma guerra contra a fobia social

Cristian Pheula

Henrique tinha 35 anos, trabalhava em uma empresa multinacional e foi promovido a diretor de sua seção! Ganhou um carro, celular e outras facilidades de um cargo que muitos almejavam. E, mesmo com tudo isso, não conseguia comemorar.*

"Eu sentia uma ansiedade enorme acompanhada de uma angústia sufocante ao pensar no meu primeiro discurso", conta o executivo. Era a fobia social, expressada na maioria dos casos pelo medo de falar em público, se manifestando mais uma vez.

Na nova função, o executivo liderava uma equipe de aproximadamente 80 pessoas, conduzindo reuniões diárias. "Algo bem diferente do que estava acostumado a fazer sozinho no escritório, cuidando da papelada e tendo pouco contato com os colegas". Com o dia da mudança de cargo se aproximando, ele passou a relembrar com clareza as dificuldades que sempre teve em se expressar publicamente, problema manifestado ainda na adolescência.

Um velho conhecido

Desde a escola, qualquer trabalho com apresentação oral era um drama; ele perdia o sono, se sentia mal, com náuseas e dores de cabeça. "Na hora do discurso, a angústia chegava num ponto extremo. Eu suava muito, mas como geralmente era pouco tempo de fala, eu encarava. Lia o que tinha escrito e saía logo dali", desabafa.

Agora, na vida adulta, o medo de ser demitido e de desapontar pessoas que confiavam nele, somado às memórias do passado, o fizeram buscar ajuda. O tratamento envolvia sessões com psicólogo e um treinamento de relaxamento antes dos discursos, além de medicação específica para diminuir as reações do corpo, usada antes das situações de pavor.

Um ano e meio após o começo do tratamento, Henrique ainda luta diariamente contra sua fobia. Hoje, se sente muito mais confiante para discursar e se relacionar com os colegas. "O medo de errar e ser julgado pelas pessoas ainda existe, mas agora me sinto mais preparado para ser o centro das

atenções por alguns momentos".

Mesmo com a evolução, Henrique ainda não tem coragem de abandonar as sessões com o psicólogo. "Nos momentos críticos, consigo conquistar uma segurança que nunca tinha conseguido desenvolver. Sei que evolui muito, mas acredito que ainda vai levar algum tempo até que eu consiga enfrentar meu medo sozinho."

*Nome fictício

O medo para a clínica

Taquicardia, suor excessivo, tremores, dormência de mãos e pés, paralisia temporária, sensações de falta de ar. De acordo com Rodrigo Grassi, doutor em Psicologia pela USP, esses são sintomas de um ataque de pânico. Mas cuidado: nem tudo que parece, é pânico.

"Muitas pessoas confundem as fobias com pânico", conta Rodrigo. Segundo ele, o pânico não tem um motivo possível de se identificar, como o medo de barata ou de espaços fechados, que são fobias. E os medos que se manifestam depois de um acidente são estresses pós-traumáticos, como o medo de dirigir ou andar a cavalo.

Os principais tipos de fobia, explica o psiquiatra Gabriel Ferreira, são: a agorafobia (medo de lugares de onde é difícil sair), a fobia social (medo de se expor à avaliação dos outros), as fobias específicas (medo de altura, de andar de ônibus, de aranha) e a fobia generalizada (quando sente diversos medos identificáveis).

Quem sofre de pânico tem ataques súbitos e ao menos quatro sintomas ao mesmo tempo. Mais de duas ocorrências e um período maior de 30 dias de preocupação com um novo ataque caracterizam a síndrome ou o transtorno de pânico.

Um ataque pode durar até doze minutos e acontece de repente. "São momentos horríveis. A pessoa se sente fora do corpo, pois perde o controle", explica Rodrigo. "O principal problema não é o ataque, mas o comportamento evitativo depois de uma ocorrência. Isso é o que mais prejudica os doentes", completa. Algumas pessoas chegam a oito crises por dia, ou até mais.

E quem sofre de pânico? Qualquer pessoa. Mas o perfil mais frequente é da mulher adulta, com personalidade rígida, obsessiva, tímida e com algum histórico de ansiedade.

Para se sentir em um ataque de pânico: respirar forte pela boca (hiperventilar) por cerca de dois minutos. Isso aumenta a concentração de gás carbônico no sangue e provoca alguns sintomas.

onde o high-tech não tem vez

O medo da tecnologia que a inovação
ainda não pôde superar

Bruna Oliveira

O surgimento de novas tecnologias tem auxiliado as pessoas em questões que até então eram vividas sem muita perspectiva. Aumentou a expectativa de vida, ampliaram-se a expressão artística, as diversões e os passatempos, facilitaram-se as comunicações, e os trabalhos repetitivos se tornaram mais dinâmicos. Porém, no mesmo passo de tanta inovação, produziram-se novas tensões sociais e psicológicas, como o medo da tecnologia.

Também chamado de tecnofobia, o estranhamento pelo novo tecnológico trouxe à tona as especulações de um passado não tão distante assim, de que os livros de ficção científica nos quais os robôs se voltam contra os humanos vão, de alguma maneira, tornar-se realidade; ou que estamos próximos de ter chips implantados em nós mesmos para que se saiba tudo o que fazemos ou sentimos, seguindo a lógica do Google, que tudo sabe sobre todos nós. A materialização do que era representado pela arte dos seriados e dos desenhos futuristas abarcou em si própria a preocupação de um futuro onde todos recorreremos ao computador quando precisarmos nos relacionar.

O desconforto de conviver em ambientes que estão tão atrelados à informatização causa, muitas vezes, um sentimento de rejeição frente a tudo aquilo que se inova o tempo todo. O saudosismo de uma vida "como era antes" significa, para muitos, uma abdicção ao mundo tecnológico, que nem sempre se torna viável nos dias de hoje, levando-se em conta tanto os campos profissional e educacional ou mesmo as situações corriqueiras do dia-a-dia, como se deslocar de um lugar ao outro ou entrar em contato com alguém distante.

Atualizando, aguarde...

Um exemplo curioso de quem decidiu enfrentar a tecnologia em nome da profissão é a história do jornalista Carlos Henrique Bastos. Aos 78 anos de idade, lúcidos e bem vividos, Bastos era chefe do departamento jornalístico na RBS TV quando o uso do computador passou a ser implantado nas redações. A "reciclagem" desde aquele momento era necessária, mas nunca deixou distante o seu receio da tecnologia. Hoje, ele é convicto ao assumir o medo, e a prova disso, segundo ele mesmo,

são as suas limitações. Bastos não esconde que tem dificuldades e que se contenta em saber usar apenas o básico do que lhe é oferecido pelas máquinas. "Se eu tenho medo da tecnologia? Tenho sim", responde com riso. "Eu até a uso, mas mantenho o meu limite. Peço socorro, mas não deixo de usar", diz. É o que acontece, por exemplo, com o telefone celular: Bastos faz ligações, mas não utiliza os recursos próprios do aparelho, como o registro de chamadas e a agenda telefônica. "Para esses detalhes, eu sempre recorro ao papel", diz.

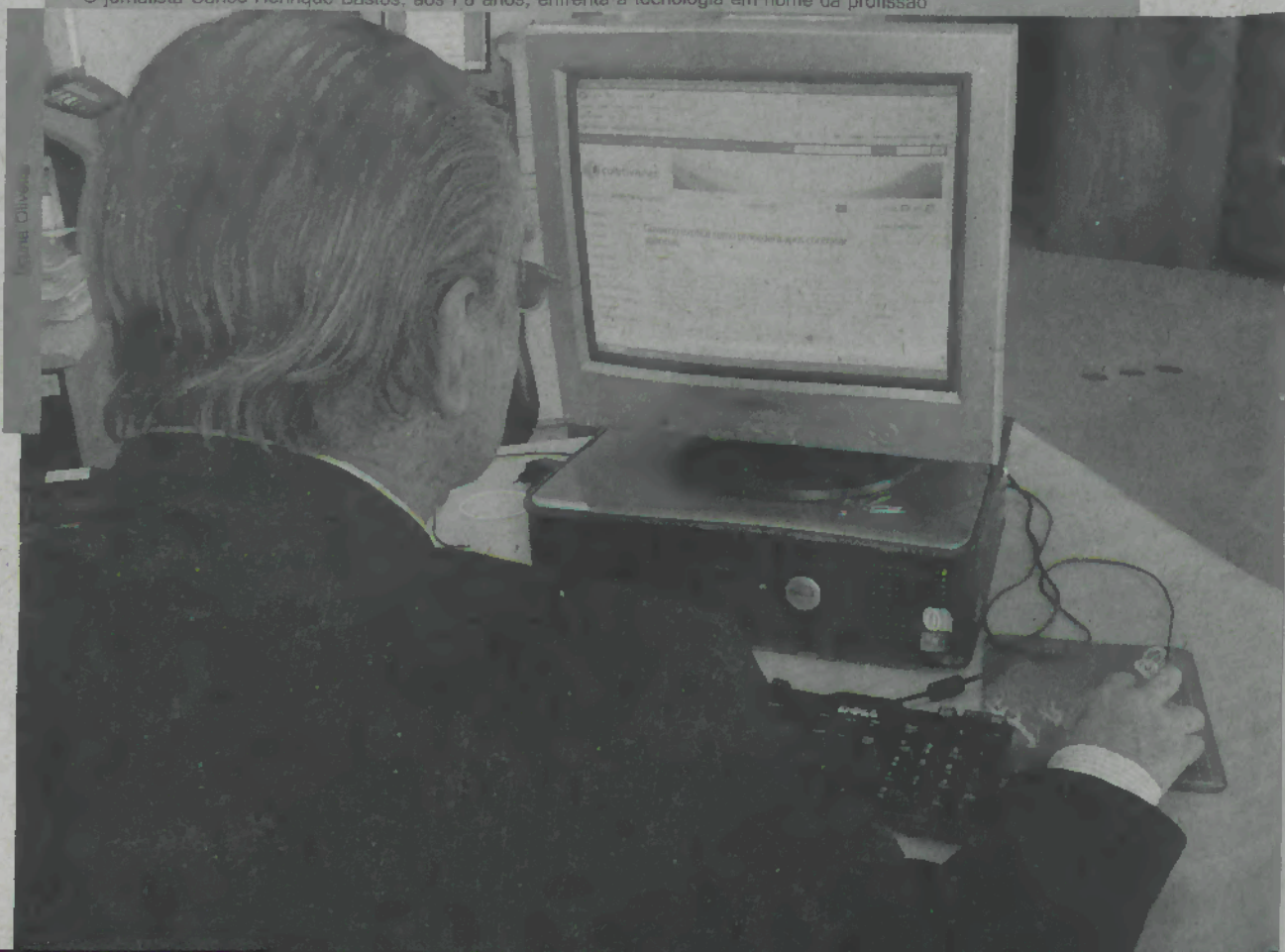
Embora a complexidade das tecnologias traga barreiras às gerações que não têm por hábito utilizá-las, o jornalista destaca o seu desejo de se manter atualizado. Refletindo sobre a evolução tecnológica que acompanhou em toda a sua trajetória no jornalismo, vivendo tanto o tempo do filme mudo como o tempo da sonora e o triunfo do vídeo tape, Bastos acredita que, com o passar dos anos, aumenta a nossa dependência das tecnologias e consequentemente, empobrece o jornalismo. A respeito de como ele e a sua geração recebem a internet, enfatiza uma posição que considera polêmica: de certa forma, aceita a internet como algo potencialmente futurista e importante para integrar pessoas e conhecimentos, mas acredita que isso trouxe muito prejuízo para a sua profissão.

Salvando arquivo

Por ser esta a sua área de atuação há cerca de 40 anos, Bastos observa que hoje, nesse mundo cibernético, o jornalista deixou de exercer o seu papel de "testemunha ocular da história" para viver de uma atividade acomodada, que trata dos fatos sem a devida investigação e que lida com informações muito mastigadas. "Eu aceito a evolução da internet, mas acredito que isso trouxe prejuízos ao repórter, que se acomoda virtualmente. O repórter tem de estar na rua, no lugar dos fatos. Pra mim, essa acomodação é que é o mal da tecnologia", diz.

Ponderando esses contrapontos, Bastos não deixa de perceber o caráter revolucionário que as tecnologias podem inserir culturalmente; mas, em contrapartida, prefere manter a sua segurança de não ser totalmente dependente delas, e procura aceitar que as suas limitações são parte do medo de algo tão associado a mudanças. Um computador que hoje nos é apresentado como de última geração, no próximo mês já é superado por outras tecnologias ainda mais inovadoras e surpreendentes e nem todas as pessoas estão preparadas para lidar com esse ritmo. Mesmo que a proposta tecnológica permita englobar diferentes públicos, existem aspectos sociais, éticos e culturais que ainda não puderam ser superados pela inovação e, sobretudo, pela resistência humana a grandes mudanças repentinas.

O jornalista Carlos Henrique Bastos, aos 78 anos, enfrenta a tecnologia em nome da profissão



desconhecida, temida e inevitável

Júlia Pellizzari

A morte é a única certeza da vida. Apesar de todos saberem disso, o fato é encarado com certo distanciamento pela maioria das pessoas. Se essa é a única certeza que temos, por que sentir medo quando chega o momento que passamos a vida inteira sabendo que uma hora chegaria?

Na realidade, a morte é mais uma questão cultural do que qualquer outra coisa. No Brasil e, de maneira geral na parte ocidental do planeta, o medo da morte ainda está muito presente. A predominância do Cristianismo e do Islamismo, religiões que creem no julgamento divino, pode ser uma das causas da insegurança em relação ao que acontece depois que a vida termina. Já no Oriente, onde o Hinduísmo e o Budismo são as duas maiores religiões, a morte é tratada de forma um pouco menos assustadora por ser encarada como a parte de um ciclo.

De qualquer forma, mesmo por aqui, existem diferentes maneiras de chegar a esse momento. Segundo o psiquiatra do Hospital Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Adilson Quinalha, "tudo isso depende da cultura da pessoa, da fantasia que cada um faz de sua própria morte". Adilson, que convive com pacientes em condições terminais e seus familiares diariamente, alega que quem tem mais dificuldade de encarar a situação é quem não se apegam a crença alguma. "Eles projetam na religião ou em alguém uma forma de se sentir melhor. Quem não tem, fica só com a raiva, raiva do mundo porque vai morrer ou perder alguém".

Se analisarmos, a maioria dos nossos temores tem relação com o medo da morte. Seja de altura, seja de doenças ou de ser assaltado, o que nos faz entrar em pânico muitas vezes é a possibilidade de perdermos a vida ou alguém que gostamos. Contraditoriamente, quando as pessoas se veem em uma situação em que existem chances reais de morrer, geralmente não é da morte propriamente dita que elas sentem mais medo.

O indivíduo

Quando entrei no quarto, Andressa estava dormindo. "Dormiu, a bichinha", disse a senhora deitada no leito ao lado "também, depois de passar a noite inteira

acordada". Esperei alguns minutos e logo ela acordou. Quando a cumprimentei, ela se sentou e explicou que não se sentiu muito bem durante a noite, mas que só tinha cochilado.

Andressa completa 24 anos em poucos dias, tem diabetes desde os onze e perdeu a visão há cerca de um. Moradora de Torres, no litoral norte do Rio Grande do Sul, sempre tomou os remédios recomendados, e por isso nunca acreditou que algo pior pudesse acontecer. Mas há cerca de um mês, seu olho começou a inchar, e ela veio a Porto Alegre. O diagnóstico indicou uma infecção que, além de estar instalada nos olhos, chegava ao coração.

Ela explica que sente, sim, medo de morrer, mas não pela questão da morte exatamente. Andressa, que já perdeu sua mãe, disse temer pelo irmãozinho de cinco anos que mora com o pai e a madrasta. Pessoas que passam por situações de grande risco costumam pensar muito em seus familiares, principalmente nos filhos, em seus momentos mais delicados. Carlos é outro exemplo. Ele, que sofreu um acidente com fogos de artifício na festa de fim de ano da empresa, conta que na ida para o hospital, enquanto tentava se manter consciente, só pensava que a filha de nove anos não merecia crescer sem um pai.

Mas existem também os medos mais internos de cada pessoa. Andressa diz que quando pensa na morte sente medo de acordar dentro do caixão e não conseguir respirar. Carlos explica que o único momento em que sentiu medo real de morrer foi após a segunda cirurgia a qual foi submetido. "Eles me colocaram o aparelho de oxigênio e eu não conseguia sincronizar minha respiração com a máquina. Aquele momento foi quase uma desistência, eu sentia uma exaustão física e escrevi em um bilhete para os enfermeiros 'acho que tô no fim'".

O coletivo - até onde isso é possível

"Eu canso de passar uma manhã de mãos dadas com eles, sem falar nada" conta a voluntária do Instituto do Câncer Infantil do Rio Grande do Sul, Mônica Cobelli Jacques. Segundo ela, o principal medo das crianças é o medo do desconhecido. Já Carlos relata que durante os dias mais



Carlos relembra o dia do acidente

críticos após o acidente, precisava sentir que sua esposa estava por perto e o queria vivo, pois só assim teria forças para passar por aqueles momentos.

A necessidade de receber carinho em situações-limite como essa tem relação com os nossos primeiros anos de vida, explica o psiquiatra e psicanalista Roosevelt Smeke Cassorla, no artigo "A morte e o morrer". Nos momentos em que a morte parece iminente, todo ser humano precisa de outra pessoa que acolha o seu desespero, como as mães fazem com o bebê que chora.

Adilson Quinalha afirma que "a maior dificuldade das pessoas é falar sobre a morte". O psiquiatra explica que há uma certa dificuldade por parte dos profissionais da saúde de lidar com o assunto. Segundo ele, durante todo o curso de Medicina e a especialização, não são ministradas mais do que duas disciplinas que tratam da morte e do morrer. Isso mostra o distanciamento que a sociedade mantém dessa circunstância que é inevitável a todos, independentemente de como cada um decide encará-la.

os medos da morte

Arthur Nonnig

Meu bisavô era espírita de mesa. Ele não se comunicava com os mortos, não era sensitivo, não psicografava, apenas tinha fé. Diferentemente de muitos, meu bisavô não temia a morte. Já escutei essa mesma história do meu avô, que se foi, e, recentemente, da minha mãe. No seu último dia, ele vestiu uma de suas melhores roupas, chamou as filhas que estavam no andar de baixo, pedindo: "Gostaria de ficar algum tempo com vocês". Sentado, ao lado de dois dos 15 filhos que teve, faleceu. Adormeceu, mesmo sofrendo uma parada respiratória. Morreu, sem medo, pois tinha fé de que a vida continuava.

A fé que dava calma ao meu bisavô é a mesma que conforta um doente no leito ou serve de consolo para os que vivem. No momento da morte, a crença de que existe algo além — de que o destino é um "lugar melhor" — alivia a dor dos entes queridos e ajuda a superar o medo da impotência diante do único fato certo da vida: a morte.

Porém, o mesmo Deus que estende a mão no momento de temor observa onipresente a tudo, punindo os pecados após a passagem. A própria crença gera medo. A religião pode trazer tanto alívio e misericórdia, quanto medo e arrependimento. E, mesmo com fé, a morte ainda pode trazer receio, incerteza do depois.

Meu bisavô acreditava piamente que a morte não era o fim. Sua fé ajudou-o nesse momento temido pela maioria das pessoas. No entanto, nem a crença de que não há perigo garante a coragem diante do desconhecido, como uma criança que entra no seu quarto na total escuridão. O medo da morte "existe mais pela incerteza, porque você não sabe como é. Você sabe que não será algo 100% agradável", afirmou o rabino Schmoel Benjamini, na escondida Sinagoga Beit Lubavitch de Porto Alegre. Diante do temor, a fé pode ser insuficiente. "Nós sabemos, morre o corpo, mas a vida continua. O espírito segue. Mas até interiorizar isso, muita gente realmente tem medo", explicou a espírita Leila Rossi, em uma sala vazia do Centro Espírita Chico Xavier.

Se para aqueles que creem o medo no momento da morte ainda surge na incerteza do desconhecido, o medo do fim persegue os que enxergam a vida como o todo. "Nenhuma pessoa, eu penso, aceita a morte, se não acredita", disse o padre Hugo Büttenbender, no seu escritório abarrotado de livros na Paróquia São Pedro, ao relacionar a aceitação verdadeira com a fé

católica. Mas, sendo assim, como encaram o medo da morte aqueles que não têm religião?

Algumas crenças tratam a vida após a morte como algo tão certo quanto a própria morte, porém talvez o pregado seja só o que as pessoas gostariam de ouvir. É o que acredita Daniel Sottomaior, presidente e fundador da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA). "As religiões, é o que diz a teoria clássica, oferecem explicações óbvias ao invés de uma verdade dúbia. Em geral, as pessoas estão muito mais interessadas em escutar o que querem escutar do que a verdade. As pessoas querem justiça? Vamos dizer para elas que existe justiça. As pessoas querem imortalidade? Vamos dizer para elas que existe imortalidade."

Sobre o seu próprio medo do fim, o ateu foi sucinto: "Eu não tenho medo da morte, mas é a última coisa que eu quero que me aconteça". Um teísta pode acreditar na punição divina, no consolo de um futuro agradável, na certeza de uma nova vida, mas aquele sem religião vive o presente, não luta contra o invencível. A certeza da morte não lhe traz um caráter agradável, mas vence qualquer tentativa. Como em uma luta contra o tempo, a derrota é certa.

A religião garantiu o conforto ao meu bisavô, mas pode trazer outros sentimentos a qualquer um. O medo da morte abrange a punição, suscita a incerteza, lembra o fim, mas não muda sua chegada. A morte é certa, e o medo a acompanha. E, enquanto isso não acontece, seguimos vivendo, lendo, virando a página.

Em 31 de agosto de 2008, o engenheiro Daniel Sottomaior e mais dois amigos, Alfredo Spínola e Maurício Palazzuoli, fundaram a ATEA (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos). Daniel, presidente da ATEA, cedeu entrevista à 3x4 sobre seu ativismo, na causa atelista, abordando temas ligados à associação, importante para a sociedade, porém desconhecida de grande parte da população brasileira.

3x4: Como começou a ATEA?

Todos os grupos de interesse é natural que acabem se reunindo em associações. Na verdade, eu me pergunto porque isso não aconteceu 100, 200 anos atrás. Tem associação desde moradores de bairro, de enxadristas, de ciclistas, e por aí vai. Mas não havia nenhuma associação de ateus, apesar de ser um público muito maior que qualquer morador de bairro, de ciclista, de enxadrista, que são interesses bastante específicos.

E qual seria o perfil do associado?

É um perfil muito parecido com o do internauta, porque nossas associações começaram todas online. Então ele [o associado] é majoritariamente homem e jovem.

A Internet então foi o que possibilitou o surgimento da ATEA?

Sem dúvida. Se isso fosse há 20, 30 anos atrás e eu simplesmente fosse em um cartório, montasse uma associação, como é que eu ia chegar nos meus membros? Como as pessoas iam saber que a gente existe?

E como começou teu engajamento com a causa?

Eu estou no ativismo faz já uns 15 anos, mais ou menos, e desde o começo todas as pessoas envolvidas sentiam essa necessidade. O fato de você ter uma instituição te dá novos instrumentos, te dá maior poder de fogo pra fazer tudo o que você precisa fazer. Todo mundo que tá no ativismo precisa de uma instituição, e essa necessidade acabou se concretizando muitos anos depois, depois de muitas idas e vindas, depois de muitas tentativas frustradas ela finalmente aconteceu.

Quais mudanças a ATEA busca na sociedade?

Hoje, o foco da ATEA se dá em dois pontos: um é a luta contra a violação da laicidade do Estado e o outro é a luta contra a discriminação que atinge os ateus.

A ATEA tem um papel de "abrir os olhos" da população?

Um pouco. Eu não tenho muita pretensão no sentido de esclarecimento porque eu sei por experiência própria, e quem já entrou nessa área concorda, que a atividade de esclarecer os não esclarecidos é extremamente ingrata. O rendimento da tarefa de "desconversão", por exemplo, é baixíssima. A religião é uma prisão com tranca por dentro: por fora não se tem acesso.

Para finalizar, teria alguma frase que sintetize as ações da ATEA?

Vocês tinham que ter me avisado de antemão para eu me preparar [risos]. De cara, assim, eu não tenho. Devia até ter, mas é que o pessoal da religião, eles tão aí nesse jogo há alguns milhares de anos. Eles já têm todas as técnicas, já tem todo o marketing pronto. Eu sou apenas um amador comparado a eles.

Enquanto muitas pessoas podem ter medo do sobrenatural, o mesmo não pode ser dito sobre Rosa Maria Jaques. Rosa, 62 anos, vidente desde os 6, concedeu entrevista por telefone de sua casa, em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. Ao ser atendido, fui recebido com uma saudação nada usual: "é um prazer conhecê-lo, Arthur. Conhecê-lo e senti-lo também". Paranormal e sensitiva, Rosa já lançou livros, apareceu em muitos programas de televisão e tem um canal de vídeos no Youtube. Tudo com o mesmo intuito: divulgar sua relação com o sobrenatural, mais próxima que a do restante da população.

Rosa vê e conversa com os espíritos constantemente. E fala disso com bastante naturalidade. Acostumada a receber mensagens do além — enquanto conversávamos, ela mencionou o fato de que havia visto seu falecido pai dois dias antes — afirma nunca ter sentido temor dos mortos. "Eu não gosto; eu me sinto incomodada quando eles aparecem e eu percebo que eles vêm pelos lados, não vêm de frente, mas não é medo, é só uma incomodação. Eles são só espírito. Então, por pior que eles sejam, nós temos muito mais soma de energia e o direito, por termos corpo, de nos colocarmos de uma forma saudável e impor os limites com eles", explica. Ter medo, para uma sensitiva significaria invariavelmente abdicar do seu dom, ou não usá-lo em sua plenitude: "O medo sempre esteve no limite necessário para que eu pudesse seguir vendo as coisas que eu vejo, sentido as coisas que eu sinto, falando com os mortos".

A frase dita por Rosa quando me apresentei mostrou sua razão de ser ao final de nossa conversa. Após assegurar que só havia aceitado dar a entrevista depois de um "rastreamento psíquico" ter constatado que eu era "uma pessoa confiável, interessante, de índole boa", a vidente fez uma previsão sobre meu futuro. "No final do ano ou início do ano que vem tu vais ter uma mudança profissional muito boa. Bem radical, do tipo 'saio daqui para ir para lá', muito bom. Não é bem o que tu espera, mas vai ser uma coisa muito positiva". Nada melhor que sair para fazer uma matéria e voltar com todo o seu futuro encaminhado.

O caçador de enigmas

No dicionário Aurélio há apenas duas palavras que começam com a sequência de letras e-c-z, eczema e eczematoso. Porém, no imaginário de muitas pessoas que cresceram durante os anos 90 consta também ecziste. A pronúncia equivocada da palavra existe virou bordão ao ser proferida ad infinitum por Padre Quevedo durante suas muitas inserções na mídia, principalmente em seu quadro no Fantástico, O Caçador de Enigmas.

Na época em que o padre tinha sua aparição no Fantástico, a questão do sobrenatural estava em alta após o grande sucesso que o mágico Mister M fez em terras brasileiras. Na sequência do ilusionista americano, a Rede Globo decidiu investir neste viés com o jesuíta espanhol, cujo tempo era dedicado



"Quem não tem medo da vida também não tem medo da morte" Arthur Schopenhauer

a dar provas científicas de que supostas ações paranormais não existem, sendo fruto de charlatanismo ou da imaginação humana. "Esse é o meu apostolado: tirar as superstições e confirmar a verdade", define Quevedo, agora com 82 anos.

E o que seria "a verdade" para o reconhecido padre? Basicamente, o fato de que corpo e alma não se separam, pois são o mesmo ente. "Não somos corpo e alma, somos um corpo animado. Uma peça só. Isso que os católicos diziam que na morte a alma se separa do corpo, absurdo! Não existe alma separada do corpo. É uma peça só", explica. Dessa forma, crenças como o espiritismo ficam comprometidas. Mais que erradas, para o clérigo elas são "a maior idiotice que a imbecilidade humana conseguiu imaginar".

Oscar González-Quevedo nasceu em Madrid no ano de 1930 e há mais de 60 anos veio para o Brasil. O motivo de sua escolha se deu por um motivo bem simples: somos um dos países mais supersticiosos do mundo. Batemos três vezes na madeira, evitamos o número 13, passamos sal grosso em objetos, acreditamos em toda sorte de mau olhado e feitiços. Mas é o medo que a própria vítima tem do sobrenatural que dá ao feitiço o seu poder, e não o feitiço, como explica o jesuíta espanhol: "O feitiço não tem poder nenhum, é a vítima, a superstição da vítima. Não é o feitiço que influi em nós, é o poder do próprio inconsciente, do próprio sincretismo sobre o organismo. Força do sincretismo, não é poder nenhum".

Mais marcante que o sotaque e a voz rouca são as idéias de Padre Quevedo, que não acredita em assombrações e tem uma posição firme sobre o assunto: "Medo de alguma coisa real todos temos. Mas o medo de alguma coisa que não existe, isso já é uma loucura localizada", afirma. Já Rosa acredita e cultiva o contato com os espíritos. Usa a afinidade que diz ter a seu favor e por isso mesmo não teme o além. "O medo nunca existiu para mim na proporção que os racionais criam", conta. Mesmo que com motivos e crenças totalmente diferentes, nem Rosa nem Padre Quevedo temem os espíritos ou atividades paranormais.

Nascido há 81 anos em Vigo, na Espanha, Oscar González-Quevedo, o Padre Quevedo, veio para o Brasil na década de 1970. Aqui, alcançou o grande público com suas muitas aparições em programas na televisão e fundou a CLAP, Centro Latino-Americano de Parapsicologia em São Paulo. Foi de lá que, por telefone, Quevedo concedeu entrevista para a 3x4.

Padre, como o senhor enxerga o Brasil, uma vez que o País sempre foi ligado a muitas crenças e superstições?

De fato, segundo os parapsicólogos, historiadores dentro da parapsicologia e fenômenos misteriosos, o Brasil é o país mais supersticioso do mundo, com muito. Em qualquer cidade um pouco grande do Brasil, têm mais curandeiros, mais feiticistas, etc, que em todo o resto do mundo junto.

Na opinião do senhor, então, é por isso que, no Brasil, fenômenos como aquele senhor de Goiás, o João de Deus, fazem tanto sucesso aqui?

João de Deus não tem poder nenhum! Eu já o desafiei tantas vezes, até fui lá. E ele me queria me suggestionar. Ora, eu sou professor de hipnose médica, a mim não suggestionam. Mas outras muitas pessoas que estavam lá — conversei com elas — estão convencidíssimas que João de Deus tem algum poder. Nenhum! Não é o feiticista que influi em nós, é o poder do próprio inconsciente, do próprio sincretismo sobre o organismo. Força do sincretismo, não é poder nenhum de João de Deus.

Padre, como o senhor enxerga as pessoas que afirmam ter medo de fantasmas e outras manifestações desse gênero?

Bom, os fantasmas existem. A própria vítima que pode ir para um fenômeno parapsicológico, trocar de personalidade, por sugestão, por psicologia, e, parapsicologicamente, pode projetar, e a sua imaginação, com a sua energia física humana, que se chama ectoplasma (ektós: exteriorizar; plasmem: plasmar), com o próprio ectoplasma, ele pode plasmar a sua ideia, com o ectoplasma, então, por uma hipnose em si mesmo, pode ver um vivo, um morto, um animal mitológico, um ser legendário. Isso é um fantasma. Quando não é uma imaginação, quando se vê, fotografa, é uma projeção do próprio supersticioso.

Então as pessoas que dizem ter o poder de falar com os espíritos não são meros charlatões?

O ectoplasma é uma energia física e, como toda energia física, se propaga pelo inverso do quadrado da distância. Então eu já desafiei na televisão, em todos os meus livros, por favor, todos os que dizem que tem poder de fazer fantasmas, o que for, façam um fantasma, fotografável, visível, a mais de 50 metros de distância da própria pessoa que manda o ectoplasma. Isso é igual àqueles fenômenos que dizem a casa estar mal-assombrada, por fantasmas, por espíritos de mortos, fadas, salamandras, duendes, larvas astrais. A imaginação fecundíssima e a superstição ignorantíssima acreditam nessas coisas, porque neste país o suggestionaram.

zumbis: paixão, trabalho ou fanatismo?

Laf's Webber

Em um quarto repleto de imagens de zumbis, vive Léo Dias de los Muertos, de uma simpatia que contrasta com os rostos medonhos detalhados nas máscaras que produz. Escultor e ilustrador, transformou a paixão pelo horror em trabalho, retratando em suas obras os personagens que via nos filmes. Primeiro a cópia, depois a criação dos próprios zumbis, em seguida o fascínio pelos detalhes. Com o tempo Léo foi se aperfeiçoando, pesquisando anatomia e entendendo o que acontecia com o corpo humano depois da morte.

Normalmente não conseguimos explicar por que sentimos atração pelas temáticas de que gostamos; menos ainda, entendemos por que as outras pessoas interessam-se por assuntos que, para nós, não parecem ter importância. Depois de passar a vida envolvido com o horror, Léo acredita que a paixão por seres que voltam da morte pode ter relação com a perda do pai, que aconteceu quando ele era bem pequeno, em torno dos cinco anos de

idade. Por ser ateu e não acreditar em céu como sendo um paraíso para onde vamos depois da morte, Léo criou a sua maneira de transformar a perda, através dos zumbis, em algo mais palpável, em algo que conseguisse trabalhar: "Desde muito novo eu sempre gostei de filme de terror não só zumbi, filmes com pessoas que voltam de morte. Talvez por eu não acreditar em céu, em coisas assim, tenha sido uma forma de tornar tolerável", conta.

Sem saber explicar o motivo, mas com o brilho nos olhos de quem ama o assunto, Julian Kober fala da paixão pelos mortos-vivos. Nascido em Panambi, no interior do Estado, costumava planejar com seu irmão como fugiriam de um possível ataque. Julian veio morar em Porto Alegre em 2007, e um dos fatores que o trouxeram foi a possibilidade de estar mais próximo do que gosta. Na cidade natal, não tinha onde assistir filmes de terror, nem amigos com esse interesse em comum; aqui, além do cinema, começava a acontecer a Zombie Walk.

A primeira edição do evento foi em 2006 e teve grande sucesso: eram cerca de 350 pessoas, não só vestidas de zumbi, mas também encarnadas nos personagens andando pelas ruas da cidade. Jovens, crianças, senhoras, e até cachorros. Desde lá, só cresceu, praticamente dobrou: "A própria galera toma iniciativa. Tem a organização, é claro, o mérito é todo deles, mas a galera tomou pra si, assim como eu tomei para mim. Tipo, maquiagem minha galera, maquiagem quantos mais eu puder, e aí a coisa foi tomando mais vida própria" diz Léo, que passou a adaptar o que fazia na argila à pele. Começou maquiando alguns amigos, depois cada um foi trazendo mais outros e assim já maquiou quase 80 pessoas para a Zombie Walk: "No boca à boca a coisa foi crescendo. Eu sempre brinco, no primeiro ano maquiei uns 17, no segundo ano 32, no terceiro já foram 60 e poucos, vai crescendo exponencialmente".





Angélica Marques



Léo reúne os amigos na Usina do Gasômetro e vai maquiando todos que quiserem. Segundo ele, até os seguranças da Usina dão sugestões. Apesar da maquiagem contribuir para o aperfeiçoamento das esculturas, o que o motiva é ver todos se divertirem: "A minha ideia na Zombie Walk não é divulgar o meu trabalho, é ver o pessoal se divertir, então eu prefiro ver 70 neguinhos se divertirem do que alguém dizer 'olha lá o zumbi que o Léo maquiou', não acho tri. Eu estou lá como qualquer outro nerd fã de filme de terror, eu estou lá para me divertir".

O que realmente acontece. Julian é um dos amigos de Léo e soube do evento através dele, na primeira vez em que participou, gostou tanto de estar transformado naquilo que mais lhe causava medo que só saiu do personagem depois que entrou no banho. Para ele os momentos no Gasômetro podem ser até mais divertidos que o próprio evento, pois lá estão pessoas que realmente gostam de zumbis: "Lá tu faz amigos, as vezes ficamos lá das dez da manhã até as quatro da tarde", conta.

Conversar sobre zumbis com alguém com o mesmo gosto, encontrar essa pessoa, é difícil para os fãs do horror. Por ser uma paixão incomum entre as crianças, pessoas como Julian e Léo acabam não tendo com quem dividir os comentários sobre os mortos-vivos, pois a maioria das pessoas não tem um amigo da escola ou do bairro que também seja fascinado pelo assunto, como conta Léo: "Tu não tem com quem conversar sobre aqueles filmes, falar de diretor, de iluminação, de uma porção de coisas muito específicas, então são amizades muito fortes que vão se formando".

É uma paixão tão grande que envolve e realiza as pessoas. Julian já participou, como figurante, de um filme de terror, Porto dos Mortos, escreve as próprias histórias e tem planos de gravar um documentário sobre a Zombie Walk. Léo maquia as pessoas para que pareçam zumbis, direciona seu trabalho para o horror. Um fascínio por algo que causa medo na maioria das pessoas, um desejo por estar imerso no tema. A Zombie Walk possibilita a essas pessoas mostrar que a paixão, em princípio incomum, é uma forma de expressão, de arte e de diversão.

a fábrica de sustos

Maitê König

O horror que dá medo e fascina

Ver um filme de terror é algo como estar em uma montanha-russa; Quando vai chegando sua vez de entrar no carrinho, o frio na barriga começa a surgir e só aumenta à medida que o brinquedo inicia e começa a subir lentamente para a parte mais alta. Durante todo o trajeto, você sente medo e apreensão, até o momento em que termina e seu coração respira aliviado, com uma sensação de alívio por estar em segurança. Apesar de tudo que você passou, a vontade é repetir a dose. E, dessa vez, por que não mais intensificada. "gostar de passar por uma montanha-russa de emoções só que protegido por uma tela", é assim que Cristian Verardi, crítico de cinema, adorador e pesquisador do cinema de horror, define o que os fãs do gênero sentem. "A violência tem uma dualidade: por um lado assusta e por outro fascina. Tanto na literatura como no cinema tu vai se colocar em situações limites sabendo que tu tá protegido pela ficção. Vivenciar intensamente o medo é natural, é uma forma de tu te sentir vivo", diz Cristian.

De Nosferatu a Jason

O desejo humano de sentir arrepios em frente a uma tela não é recente. Os primeiros exemplares do gênero horror vêm do expressionismo alemão dos anos 20, profundamente influenciado pelo romance gótico inglês. O cinema alemão produziu as primeiras obras-primas do terror, como *Nosferatu*, o vampiro (1922), em que a sensação de medo era criada principalmente por temas e atmosferas macabras. Mas não, era só na Alemanha que o horror se popularizava. Nos Estados Unidos, os anos 30 foram o ponto alto do terror hollywoodiano com a Universal Studios, onde clássicos da literatura como *Drácula* de Bram Stoker e *Frankenstein* de Mary Shelley foram para o cinema e ganharam muitos fãs. Nos anos 40, o terror real da guerra fez os monstros parecerem inofensivos, e o jeito foi apostar em produções que explorassem mais a sugestão do horror do que sua exposição, como no filme *A Morta-viva* (1943), de Jacques Tourneur. Quando a ficção científica fica em alta por causa da corrida espacial e da bomba atômica nos anos 50, o cinema de horror funde-se a esse gênero, e aparecem produções

que exploram o medo a partir de invasões alienígenas ou mutações genéticas provocadas pela radiação, como o clássico japonês *Godzilla* (1954).

O Horror é revigorado na volta dos monstros através da inglesa Hammer Studios, que os ressuscita - agora em cores. Os atores Christopher Lee e Peter Cushing sobem ao estrelato em vários filmes do *Drácula* (o primeiro com caninos) e do *Frankenstein*. O espaço cresce para o cinema de horror mais independente e barato, como *A Noite dos Mortos Vivos* (1968) de George Romero, que para Cristian Verardi, gerou o boom de horror nos anos 60 e redefiniu o gênero. Ainda nessa década, a genialidade de um diretor chamado Alfred Hitchcock conseguiu aproximar os filmes de mistério da estética do terror com os perturbadores *Psicose* (1960) e *Os Pássaros* (1963). Os longas são fonte de inspiração para qualquer diretor de cinema e exemplos de filmes que exploram os medos e ansiedades mais profundos, fazendo o implícito assustar mais que o revelado, algo que Cristian acredita ter se perdido com o tempo: "Hitchcock dizia que não há nada mais assustador do que uma porta entreaberta. O grande mérito é conseguir assustar sem utilizar sustos fáceis. É muito fácil jogar na cara do espectador. Agora, assustar com sutileza é o mais difícil. Eu admiro quem faz isso. E, hoje, acredito que poucos conseguem".

Elementos sobrenaturais, personagens insanos e muito sangue e violência ganharam mais público na década de 70. O *Exorcista* (1973) fez o horror realmente se popularizar e, logo depois veio *A Profecia* (1976). Foi nessa fase que surgiram filmes como *Halloween* - *A Noite do Terror* (1978), do cultuado diretor John Carpenter e o de baixo orçamento *O Massacre da Serra Elétrica* (1974). Nos anos 80, fomos apresentados à personagens como Jason e Freddy Krueger, que aterrorizavam adolescentes na primeira parte das franquias *Sexta-feira 13* (1980) e *A Hora do Pesadelo* (1984). Personagens que se tornaram fontes inesgotáveis de continuações, até colocando os dois psicopatas pra brigar em *Freddy x Jason* (2003).

O vai e vem das prateleiras

Dos anos 90 para cá, filmes em formato de documentário, com câmeras amadoras, espíritos de crianças macabras e torturadores sádicos parecem agradar o grande público. "Existem excelentes novos filmes de horror, mas há uma diluição do terror, principalmente norte-americano. O que dá bilheteria é adolescente, e eles não querem ser muito exigidos. Algumas franquias como *Jogos Mortais* - até agora, são oito filmes - se esgotam e viram apenas um caça níquel", diz Cristian. O crítico ainda prefere obras antigas de diretores como Dario Argento, Lucio Fulci e John Carpenter e acredita que o cinema de horror atual perdeu a ousadia que tinha no passado: "Eu acho que o cinema de terror ficou meio bunda mole, até por causa do politicamente correto, que, nos anos 70, com a contracultura, não tinha tanto."

Ao fazer uma breve pesquisa em um locadora, percebe-se que ele não é o único saudosista. "Os mais procurados ainda são os clássicos antigos, como *It* (1990) - o palhaço assassino de Stephen King - e filmes sobre exorcismo", conta Quiron Gerber atendente de uma locadora e fã de filmes de horror. Ele observa que as pessoas que vão à locadora atrás de filmes do gênero, geralmente, procuram por determinado estilos: "Há aqueles que preferem só os de espírito, os que preferem só os de psicopatas. Tem um

Filmes de terror mais alugados*:

- 1- Atividade Paranormal 3 (2011)
- 2- O Ritual (2010)
- 3- A Hora do Espanto (2011)
- 4- Aterrorizada (2010)
- 5- O Iluminado (1980)
- 6- O Bebê de Rosemary (1968)
- 7- A Epidemia (2010)
- 8- O Labirinto do Fauno (2006)
- 9- 11:11 - A Nova profecia (2004)
- 10- Sweeney Todd: O Barbeiro Demoníaco da Rua Fleet (2007)

*Blockbuster Online - mês de maio de 2012



cara que vem aqui e só aluga filmes de zumbi." Mesmo com a busca por filmes clássicos, os que fazem mais sucesso com o público e lotam as salas de cinema são filmes como *Atividade Paranormal* (2007) - filme de terror que mais arrecadou nos cinemas em 2011: foram US\$ 203 milhões para um filme que custou apenas US\$ 5 milhões - e até alguns que são vendidos como terror, mas que acabam gerando mais risadas do que sustos, como o mais recente da franquia *Premonição* (segunda maior bilheteria, com US\$ 157 milhões). Para Cristian, o riso muitas vezes pode ser encarado como uma autodefesa: "Já vi gente desdenhando de um filme porque estava profundamente incomodado com ele, diz que é ridículo mas, do nada, dá um salto da cadeira".

Mas também, há aqueles que são feitos para divertir e, ao mesmo tempo, assustar, popularmente chamados de "terror trash". Para Cristian há um problema em como o termo começou a ser aplicado no Brasil, a partir dos anos 90: "O trash é um filme mal feito, precário, que se torna engraçado por suas falhas. Um filme que pretendia ser sério e acaba caindo no ridículo." Nos Estados Unidos, utiliza-se o termo "camp" para um filme feito por diversão que é propositalmente realizado para parecer ruim. No Brasil, o trash começou a ser relacionado com sangue, vísceras, monstros mal feitos e ficou diretamente ligado ao cinema de terror, mas qualquer gênero policial, drama, comédia pode cair na precariedade engraçada: "O trash não é uma questão de gênero, é muito mais até ideológico, a pessoa assumir o estilo. O gênero é horror, se vai cair no trash é outra questão."

Por um terror mais independente e nacional

O diretor de filmes independentes Petter Baierstorf conhece bem os termos trash, cinema de porão, de garagem, de bordas e afins, e não se importa com eles.

O cineasta catarinense é uma das mentes criativas da produtora Canibal Filmes e já produziu diversas sensações do cenário independente como *O Monstro Legume do Espaço* (1995), *Eles Comem sua Carne* (1996) e *Zombio* (1999). Ao todo foram mais de cem filmes, a maioria com o orçamento médio de 5 mil reais e muita irreverência. Fã do cinema visceral e do "horror gore" (sangue aos montes, corpos triturados), misturado à crítica social, à anti-religiosidade e muita gente pelada. "O corpo humano é o paraíso das imperfeições, é o palco para espetáculos grotescos", diz Petter. O objetivo do diretor nunca foi fazer filmes de terror com a mesma estética da maioria: "Essas coisas de horror ultra caretas e conservadoras não me interessam. Amo cinema feito com poucos recursos, mas pulsante, orgânico, que transpira, vomita, urina, defeca ideias". O diretor critica o cinema de hoje, em que tudo é perfeito e igual, mas ainda acredita no horror independente brasileiro: "*A Noite do Chupacabras* (2011) e *Mangue Negro* (2008) de Rodrigo Aragão são ótimos. Sem falar dos filmes dos anos 60 e 70 do José Mojica Marins [mais conhecido pelo seu personagem Zé do Caixão]. O maior problema dos produtores independentes é a distribuição dos filmes, porque público tem".

Cristian Verardi, que, assim como Petter Baierstorf, fez uma participação no filme *A noite do Chupacabras*, é entusiasta dos filmes de horror nacionais, mas também acredita há falta de incentivo e que precisamos fomentar indústria cinematográfica: "As pessoas tem interesse em filmes de horror, não é à toa que festivais como o *Fantasma* [Festival Internacional de Cinema Fantástico de Porto Alegre] crescem muito nos últimos anos. Ao mesmo tempo em que existe o preconceito de considerar o terror um subgênero, as pessoas consomem todos os enlatados americanos que vêm e lotam as sessões, mas quase não se faz cinema de horror no Brasil." O certo é que as produções de terror sempre atrairão aqueles dispostos

a passar por uma montanha-russa de emoções: "Público sempre tem, pois as pessoas querem sentir medo, elas gostam disso e os filmes de terror dão isso para elas", completa Cristian.

10 filmes de terror nada óbvios para ver: (comentários de Cristian Verardi)

- *Os Olhos Sem Rosto*, de Georges Franju (1960) - "Almodóvar homenageia esse filme em *A pele que habito* (2011)."

- *Os Inocentes*, de Jack Clayton (1961) - "É extremamente assustador por aquilo que ele não demonstra."

- *À Meia-noite Levantei Sua Alma*, de José Mojica Marins (1963) - "Os três primeiros filmes do Mojica são essenciais."

- *Inverno de Sangue em Veneza*, de Nicolas Roeg (1973) - "O filme inteiro dá uma sensação de perigo constante"

- *Zombie - O despertar dos mortos*, de George Romero (1978) - "iniciou o boom de filmes de zombie nos anos 80."

- *Canibal Holocausto*, de Ruggero Deodato (1980) - "Sou completamente fascinado por esse filme."

- *Toxic Avenger* de Lloyd Kaufman (1984) "Faxineiro mutante com roupa de bailarina que sai matando todo mundo, uma demência completa."

- *O Dia da Besta*, de Alex de la Iglesia (1995) - "Um padre mais um metalheiro dá um humor negro de primeira."

- *Mangue Negro*, de Rodrigo Aragão (2008) - "Filme nacional de ótima qualidade."

- *Kill List*, de Lucky McKee (2011) "Bem ousado, o cara não pega caminhos fáceis nem dá nada mastigado para o público."

O medo durante o sono

Por que temos pesadelos?

Guilherme Almeida

Ilustração: Eric Paurz

Dormir é uma das melhores coisas da vida, certo? Deitar na cama confortável e quentinha depois de um dia estressante não tem preço. Entretanto, nem sempre o sono é sinônimo de uma noite tranqüila. Todo mundo já teve, pelo menos uma vez na vida, um pesadelo de arrepiar, e que ficou na memória por um tempão. Por que isso acontece? O que causa os pesadelos?

Para entendermos melhor o assunto, precisamos saber que os pesadelos geralmente ocorrem durante a quinta fase do sono, o chamado movimento rápido dos olhos (Em inglês, REM: Rapid Eye Movement), o sono dos sonhos. "Durante o sono REM, o nosso corpo fica todo relaxado e paralisado, poucos músculos conseguem se movimentar, mas algumas partes do cérebro continuam bastante ativas, como as de trás, e nós ainda somos capazes de processar informações", explica Suzana Schönwald, neurologista e médica do Laboratório do Sono do Hospital de Clínicas.

A médica destaca que os pesadelos são mais comuns quando somos crianças, mas que também podem acontecer com os adultos de vez em quando. Mas é o que causa o medo durante os nossos pesadelos? Entre outras coisas, a amígdala. Qual? Aquela que fica perto da garganta? "Uma das áreas ativadas durante o sono dos sonhos é um núcleo do cérebro chamado de amígdala, um dos principais responsáveis pelo processamento de informação e memória emocional, fazendo com que a gente possa sentir emoções mais fortes", esclarece Suzana.

Existe algum motivo específico para termos pesadelos, ou eles simplesmente podem acontecer com qualquer um, sem uma razão especial? Muitas vezes, pode haver uma explicação para termos pesadelos: tanto problemas de sono, como a apnéia - quando paramos de respirar enquanto dormimos -, quanto preocupações em excesso, por exemplo, uma semana estressante com sobrecarga de trabalho, podem causá-los. Outro fator que pode contribuir

para termos pesadelos é a alimentação: a comida mais pesada pode atrapalhar tanto nosso intestino quanto nosso sono.

Quando falamos em pesadelos, é importante relacioná-los com a consciência: "O nosso cérebro registra as informações durante o dia e as repassa à noite, durante o sono, quando a parte mais frontal do cérebro, responsável pelo juízo crítico, está comprometida, possibilitando que a gente faça relações sem sentido enquanto dormimos. Por isso, durante o sono REM, o lençol pode se transformar em uma janela, por exemplo", exemplifica Suzana.

Segundo a neurologista, o pesadelo também pode indicar traços da personalidade de cada um. "Eles podem ser mais recorrentes em pessoas de índole mais benevolente, que tendem a ser menos desconfiadas. Mas ao mesmo tempo em que essas pessoas podem estar mais preparadas para problemas reais na sua vida, elas também podem vir a ter que lidar melhor com esses mesmos impasses". Além dos mais inocentes, os ansiosos e os depressivos também podem ter mais pesadelos: "Existem perfis recorrentes: quem tem apnéia do sono, depressão e ansiedade, principalmente", ressalta Suzana.

Além do pesadelo clássico, quando nosso corpo passa por uma alteração física, fazendo com que acordemos assustados, com o coração disparado, existem outros tipos de complicações durante o sono, comumente confundidos com o pesadelo, como o terror noturno e o distúrbio comportamental do sono REM. Enquanto o primeiro é muito mais comum em crianças de até 10 anos, ocorre durante o terceiro e quarto estágios do sono e é o responsável por gritos e olhos arregalados na hora de acordar, o segundo é mais comum entre homens mais velhos, e pode ter consequências sérias.

"O distúrbio comportamental do sono REM é muito raro, acontece em menos de meio por cento da população, sendo um problema nos núcleos que coordenam o sono REM, fazendo com que não exista a paralisia durante o sono. Por isso, o sonho é diferente: ele passa a ter mais violência, e as pessoas se machucam e podem machucar o companheiro também, resultando em hematomas e até mesmo em traumatismo craniano", explica a neurologista. Além de seqüelas físicas, esse distúrbio pode ser um sinal de que a pessoa tende a desenvolver doenças graves no futuro: "Uma parte das pessoas que têm isso podem ter a doença de Parkinson nos próximos dez ou vinte anos".

Depois de saber o que é e quem tem maior tendência a encarar pesadelos durante o sono, falta descobrir uma coisa: dá para evitar esses sonhos desagradáveis durante a noite? Infelizmente não, pois é difícil de prever quando eles vão acontecer. Mas, por outro lado, uma boa notícia: "A partir do momento em que a gente constata os pesadelos, existem várias alternativas, como usar medicação antidepressiva, mesmo em quem não tem depressão, porque durante o sono REM nós diminuímos a produção de substâncias químicas, como a serotonina e a noradrenalina, carentes em pessoas depressivas", explica Suzana Schönwald.



éguas da noite

Priscilla Kichler Pacheco

Ilustração: Eric Pautz e Mariana Yatsuda Ikuta

Mais rápido do que poderia piscar um olho. Era possível sentir o vulto negro na sala, subindo as escadas. E então estava parado à porta, observando, na iminência do ataque. O corpo congelado sobre a cama, incapaz de qualquer movimento, apenas à espera. Tomado pelo pavor, pelo pânico, pelo medo. O que aconteceria?

Recorrente e rotineiro, mais do que poderia ser planejado. Todos os dias, invariavelmente. A imagem no espelho revelava um sorriso tocado pelo demônio, de dentes que sobravam ou faltavam e outros que cresceram tortos. Em outras ocasiões, de repente vinha à boca uma dor não aguda, mas amarga e dura. E os dentes fortemente cerrados começavam a se desprender e eram então cuspidos em meio ao sangue.

A angústia maior, capaz de atordoar o mais frio dos homens. A clareira de um bosque qualquer, o vulgo meio do mato. As figuras negras, indistintas entre as sombras da noite, carregavam o corpo à cova. Falsa cova, porque não havia morte. Ao vivo restava o som da terra caindo sobre o caixão em que estava preso. Restava o desespero e o pavor de ali jazer.

A égua da noite, *nightmare*, como chama o inglês em uma de suas palavras mais intrigantes. Os gregos dizem *efialtes*, o demônio que inspira o pesadelo. *Alp*, curiosa em suas três letras, é o termo alemão que designa o elfo e a opressão do elfo. Para os italianos, *incubo* - do latim *incubus* -, a forma masculina do demônio da era medieval que se apresentava aos homens em seus sonhos, afligindo aqueles que dormem. Em um inglês mais antigo, *mare* também se referia a esse demônio noturno. Diferentes palavras para a mesma ideia estruturadas sobre uma origem demoníaca comum. Paira algo de terrível ao se falar em um demônio dos sonhos ou em uma égua da noite.

Quanto a nós, ficamos com pesadelo, apenas - como a *pesadilla* da língua espanhola, que tem origem em pesado, simplesmente. Mistério do sono entre os sonhos, sobre eles caem tantas teorias quanto foi possível ao homem formular. Da psicologia de Freud à ciência contemporânea, o certo é que a dimensão

onírica é ainda enigmática o suficiente para brincar como quiser com a imaginação e a consciência - ou inconsciência - humana. Os sonhos terríveis ativam memórias emocionais guardadas em cantos escusos do cérebro. Contados, são nada. Sonhados, são terríveis. "Porque o pesadelo é, antes de mais nada, a sensação de horror", emprestando aqui as palavras de Jorge Luis Borges em uma conferência sobre pesadelos presente na coletânea de textos "Sete Noites".

O argentino da literatura fantástica acredita que os sonhos sejam a mais antiga das expressões estéticas. Contamos ele que, "de todas as operações da alma, a mais difícil é a invenção. No sonho, contudo, inventamos com tanta velocidade que iludimos nosso pensamento com o que estamos inventando". Embora ficções noturnas, acreditamos em nossos sonhos, assustamo-nos com nossos pesadelos. Do gênero dos sonhos, os pesadelos são espécie. Há neles algo mais terrível que em qualquer imaginação.

Revela a ciência que os sonhos amedrontadores teriam a habilidade de tornar seus sonhadores emocionalmente mais estáveis e mais bem preparados para situações de perigo reais. Isso porque nem o cinema e nem os medos da realidade podem superar um pesadelo. O terror sentido durante o sono, embalado pelas imagens formadas pelo próprio sonhador, é o mais intenso e o mais genuíno entre os medos. Não há alerta de luta ou fuga ativado pelo cérebro em vigília capaz de agir em favor das personas oníricas.

Os sonhos são a eternidade pessoal de que todo sonhador tem posse. À noite se dorme e à noite se sonha com hoje, ontem, amanhã. O tempo é indefinido; sonhamos o passado e sonhamos o futuro. No despertar, dos sonhos e pesadelos resta-nos apenas sua memória, sua pobre memória. Como nas palavras de sir Thomas Browne, escritor do século XVII, para quem nossa memória dos sonhos é mais pobre do que sua esplêndida realidade.

O terror do indivíduo incapaz de correr do que o aflige ou de gritar por socorro em uma situação de perigo. É o último fiapo de percepção da realidade que resta aos



sonhadores. Durante o sono dos sonhos, tão misterioso em seus aspectos mais intrínsecos, o corpo não pode se mover, mas a mente segue em funcionamento. Incapaz de qualquer juízo crítico, ordena imagens de forma bizarra e sem sentido. Nossa percepção distorcida da realidade é a causa de nossos maiores temores.

Borges fala ainda do sabor dos pesadelos. Do horror peculiar dessa espécie de sonho e que jamais poderá ser encontrado em outra esfera - que não é sequer mencionada. Sua hipótese final sobre nossa fonte interna e inesgotável de medo não poderia ser menos aterrorizante: "Tomo qualquer das palavras: digamos *incubus*, latina, ou *nightmare*, saxônica, ou *Alp*, alemã. Todas sugerem algo sobrenatural. Pois bem. E se os pesadelos fossem estritamente sobrenaturais? Se os pesadelos fossem frestas do inferno? Se nos pesadelos estivessemos literalmente no inferno? Por que não? Tudo é tão estranho que até isso é possível".

entrevista:

Mario Kamia

Por Arethusa Dias e Dalane Vivan Pomatti

Fotos: Divulgação

Mágico. Escapista. Ilusionista. Famoso no Brasil inteiro por arriscar sua vida em números perigosos, Mario Kamia aprendeu desde cedo a se virar nos palcos, mas nem por isso deixa de sentir medo durante suas apresentações. Ele contou à 3X4 um pouco de suas experiências.

3X4: Nós gostaríamos que você explicasse um pouco sobre o seu trabalho, o ilusionismo. Como você iniciou e desenvolve isso?

Mario Kamia: Eu sempre fiz mágica desde os três anos, porque a minha família toda é uma família de artistas. Então desde criança faço esses números (de mágica), só que chegou um certo momento em que eu senti que precisava de algo mais. Foi justamente aí que a gente partiu pra esse lado do escapismo, que são esses desafios de arriscar a vida, direcionados para grandes públicos.

3X4: Quando você começou a desenvolver o trabalho com escapismo?

Mario Kamia: Esse trabalho de escapismo é mais recente, faz uns três anos. Eu estou com 34, então eu tinha uns 31 na época. A gente fechou um contrato com uma emissora de TV, e isso deu start

a esses números. Inicialmente apresentávamos espetáculos de mágica, que seriam esses de serrar as pessoas ao meio, de levitação. Depois passamos aos grandes números de escapismo: escapar do trilho de uma montanha russa, de um tanque cheio de tubarões, etc.

3X4: Foi muito difícil passar da mágica para o escapismo? O que você teve que desenvolver para trabalhar com esses números?

Mario Kamia: Na verdade o ilusionismo é uma junção, uma união de várias técnicas. Então utilizo números de mágica, de ilusionismo, de escapismo - que não é mágica, é você se desvencilhar de cadeados e cordas, por exemplo - e também técnicas de apneia*. Essa é a mais difícil. Na década de 70, o meu pai participou do programa do Silvio Santos várias vezes fazendo essa técnica de apneia, onde ele comia banana e tomava coca-cola, isso durante 5 minutos embaixo d'água (risos). Meu avô já passou essa técnica pro meu pai, e ele está desenvolvendo isso comigo há muito tempo, mas eu ainda não havia utilizado em apresentações, a não ser nesses últimos três anos, em que comecei com apneia, já fazia o ilusionismo e acrescentei o escapismo nas apresentações.

*Apneia é a suspensão voluntária ou involuntária da respiração.

3X4: Quais os números mais perigosos que você já realizou?

Mario Kamia: Eu acho que o mais perigoso de todos que eu participei foi esse que foi ao ar no Fantástico, que eu não consegui testar nenhuma vez. Foi gravado de primeira e foi feito de primeira, então eu não tive nenhum tempo de ensaio pra fazer lá em cima. Eu fiz toda a preparação da camisa de força, mas treinei numa altura de três metros, muito diferente da altura que estava lá que era de 30 metros, e eu tive muita dificuldade lá em cima.



3X4: Você poderia explicar melhor o número para quem não viu na televisão?

Mario Kamia: Eu apresentei o número da camisa de força, que é de escapismo, não tem mágica, não tem ilusionismo. Foi criado por Houdini* que foi o maior escapista de todos os tempos. Ele é uma referência na arte de mágica. Apesar do escapismo, ele também entra como ilusionismo, como mágica. Então o desafio é o seguinte: as pessoas prenderem o ilusionista em uma camisa de força, e ele tentar escapar dessa camisa o mais rápido possível. Então o desafio que eu fiz foi ficar a 30 metros de altura, com as cordas pegando fogo. Quer dizer, eu tinha um tempo restrito pra me desvencilhar da camisa de força, agarrar uma corda auxiliar antes

que a corda principal se queimasse toda e eu despencasse lá de cima, dos 30 metros de altura.

*Harry Houdini (1874-1926)

3X4: Qual foi a sensação de estar a 30 metros de altura, preso a uma camisa de força e vendo as cordas pegando fogo?

Mario Kamia: Então, o medo a gente sabe que vai sentir, ele é natural né? Ele acontece. Só não podemos deixar ele extrapolar, a gente precisa estar preparado. Senão você fica parado lá em cima, sem fazer nada. Então, várias vezes eu parei pra me concentrar, pra imaginar toda a situação, as pessoas me prendendo na camisa de força, o guindaste subindo, eu tirando a camisa de força. Eu sabia que eu ia sentir medo nas alturas, só que

na hora, sendo que você nunca passou por isso, é outra situação. Óbvio, lá em cima eu percebi que era totalmente diferente do que eu tinha imaginado. Inclusive, eu já tinha treinado pra tirar a camisa de força bem rápido. E quando eu estava no alto não consegui tirar no mesmo tempo que eu tava conseguindo tirar no chão. E isso foi muito complicado, foi muito diferente do que eu tinha imaginado.

3X4: E como é lidar com medo de arriscar a vida nesses números de escapismo?

Mario Kamia: Na verdade o medo surge ao fazer uma simples mágica, uma simples rosa aparecer, uma moeda desaparecer, porque sempre queremos que dê certo, e a gente fica imaginando, e se

der errado? Então nós já viemos trabalhando o medo desde essas técnicas pequenas. Lógico que quando se está arriscando a vida ele é muito maior. Mas é como eu fiz com o número da camisa de força, normalmente me preparo imaginando toda a situação antes, imaginando a cena, eu entrando no palco, a platéia lá na frente. Isso porque quando estamos preparados dessa maneira, como se já tivéssemos feito pela primeira vez, fica muito mais natural pra gente fazer a apresentação real.

3X4: Você acha que por ter crescido em uma família de mágicos ilusionistas, foi mais fácil aprender a conviver com o medo de arriscar a vida e até mesmo de não conseguir concluir uma mágica, um número?

Mario Kamia: Ah sim, com certeza, porque desde pequeno, sem saber o que é palco, sem saber o que é público, eu já tava participando das apresentações. Então, isso dá uma certa confiança pra gente. Inconscientemente, a gente está trabalhando já para o público sem saber o que é, qual a importância de estar lá no palco fazendo uma apresentação. Acho que isso contou bastante.

3X4: Em algum momento durante as apresentações ou durante os ensaios, bateu um desespero de achar que você não ia conseguir? De pensar em desistir?

Mario Kamia: Já, durante os ensaios várias vezes. Quer dizer, o normal do ser humano é toda vez que alguma coisa não está saindo do jeito que ele quer, é parar né? E várias vezes eu tive esse momento: "Ah não, vamos parar, vamos esperar mais um pouco antes da gente continuar ou não". Mas graças a Deus, eu nunca deixei de fazer nenhum número por causa do medo. Inclusive, tiveram vários que já deram errado também, mas eu continuo fazendo eles nas apresentações ainda hoje.

3X4: E quando dá errado? O que passa pela tua cabeça?

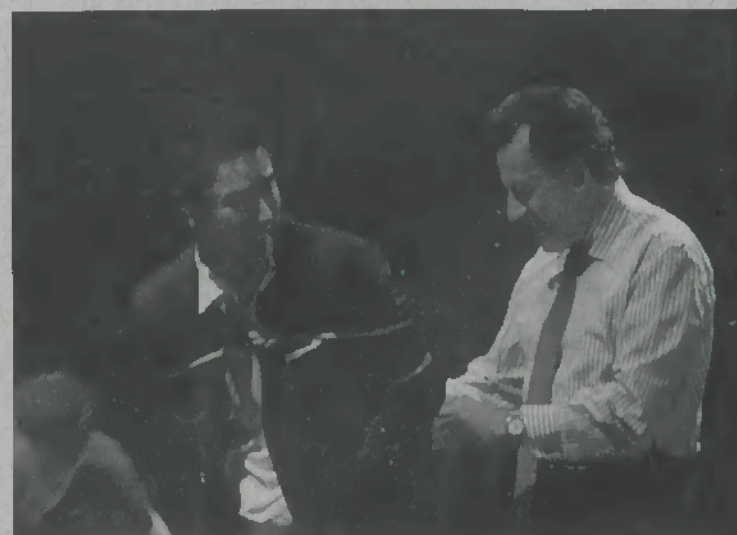
Mario Kamia: Então, eu acho o seguinte, errar é humano né? Um ou outro número pode dar errado, não todos. Deu errado? Bom, tudo bem, então a gente vai trabalhar pra isso pra não dar errado novamente, e também pra não deixar de fazer essa apresentação porque deu errado. Tiveram números em que eu já cortei meu braço, mas que eu ainda continuo fazendo nas minhas apresentações. E tem outros pequenos que dão errado, isso aí nem conta. Por exemplo, um de fazer aparecer uma rosa que deu errado, isso pra mim nem conta, isso passa batido.

3X4: Como é a reação do público nesses números mais arriscados? Você sente que eles ficam tensos ao assistir às apresentações?

Mario Kamia: Ah, isso com certeza absoluta! Inclusive, tem esses números de apneia que eu faço, e eu até falo pras pessoas: "No momento que eu permanecer submerso aqui na água, vou pedir pra todo mundo prender a respiração pra sentir a dificuldade de ficar embaixo d'água". Quer dizer, a pessoa vai estar prendendo a respiração lá no cantinho dela, eu vou estar embaixo d'água, então a pessoa vai imaginar, vai sentir o que é ficar sem respirar durante tanto tempo. Então isso passa muito mais o que eu to passando nessa situação.

3X4: Para finalizar, você acha que superar esses desafios, o medo, o risco durante as apresentações realmente vale a pena?

Mario Kamia: Eu penso assim, o medo faz parte. Ele é importante porque senão qualquer um subiria os 30 metros de altura e poderia despencar lá de cima. Quer dizer, o medo é um controle, você precisa ter o controle desse medo, ele não pode extrapolar e precisa sentir um pouco dele. Ele faz parte do ser humano, não é?



os medos de quem vive de aventuras

Voar, remar ou escalar nem sempre é para todo mundo. A prática de esportes radicais depende da superação dos medos, traumas e pavores.

Patrícia Valente

Desde pequenos somos estimulados a descobrir o mundo por nós mesmos. Somos encorajados pelos clássicos infantis a perder nossos medos e nos aventurar. *Mogli*, livro do escritor inglês Rudyard Kipling, é um exemplo: o menino-lobo que aprendeu a não ter medo de viver na selva. Uma estória que transpôs a ficção e veio parar no movimento escoteiro e nos esportes radicais.

No movimento escoteiro, criado por Baden-Powell em 1907 na Inglaterra, os jovens são divididos em lobinhos, escoteiros, sêniores e pioneiros. Muito do conhecimento ensinado a eles vem das técnicas militares; por isso, as Tropas Sênior e Pioneira (de 15 a 21 anos) podem praticar rapel, rafting, tirolesa, montanhismo, travessia em águas, canyoning (rapel em cachoeiras), mergulho, arborismo (sobe e desce de árvores com travessia entre elas). Atividades hoje adaptadas para os civis sob a égide dos esportes radicais.

Os jovens buscam aventuras

O Grupo Escoteiro Souza Lobo, localizado no Bairro Sarandi em Porto Alegre, trabalha o lado aventureiro que a idade dos jovens pede. O Chefe Tiago Machado, com mais de 20 anos de experiência em atividades radicais e responsável por essa parte no Grupo, conta que o problema todo é o início, porque os praticantes não sabem o que vão encontrar. "Até hoje quando eu chego no ambiente eu dou aquela paradinha para me adaptar, porque a gente tem que respeitar a altura", ressalta ele.

Medo de altura: um dos medos que mais inviabiliza a prática dos esportes radicais. Medo de morrer quando a adrenalina subir e o coração acelerar. Tremer as mãos e o corpo, suar frio. Nervosismo, agitação, ansiedade. Sintomas relatados por 78% dos sêniores do Grupo que alegaram sentir medo durante atividades como rapel, tirolesa ou escalada. Para o Chefe Sênior - Pedro Godoy - "uma coisa nova sempre te deixa um pouco contraído", o que justifica o comportamento dos jovens, e complementa que a marca do Ramo Sênior é superação de limites físicos e psicológicos.

Só que superar limites psicológicos nem sempre é fácil. É uma questão de enfrentar traumas, pavores, dificuldades. Muitas vezes, isso é mais difícil do que ultrapassar limites físicos. A superação física é consequência de bom treinamento e boa técnica para saber executar a tarefa. Enquanto a superação psicológica depende unicamente do indivíduo. "O que se torna mais, digamos, medo, é quando tu chega no penhasco para fazer a atividade sozinho" afirma Tiago.

A psicologia nos esportes radicais

Trabalhar o psicológico é fundamental para as pessoas que querem se desafiar. Essa é a visão de Orlei Jr., fundador da

empresa Mundo Vertical, que oferece as práticas de montanhismo, escalada em rocha, escalada indoor, rapel e trabalho em altura para a comunidade desde 1995. Ele já acompanhou diversos casos em que as pessoas participam dos cursos técnicos e adquirem o conhecimento, mas, na hora de executar a aprendizagem, simplesmente não querem ir. Orlei explica como tenta contornar a situação: "É sempre um trabalho individual, baseado em conversa. Tu perguntas para a pessoa 'Por que ela está ali?' Poxa, ela que se colocou aquele desafio. E que eu estou ali para dar apoio, que tudo está seguro". Ele destaca ainda que essa é uma parte interessante do trabalho, fazer a pessoa encarar os desafios sozinha: "Na hora do 'vamo-vê', é tu contra ti mesmo".

Suliane Castro Smith, 35 anos, moradora de Dorset (Reino Unido), é o tipo de pessoa que gosta de se aventurar e, na hora do 'vamo-vê', não fica para trás. Em conversa pelo Skype contou como foi o voo de asa-delta realizado no Rio de Janeiro em 2009, sua primeira experiência na área. Comentou que na noite anterior ao voo estava ansiosa e demorou a dormir. Contudo, no dia do pulo, mesmo sob tensão e adrenalina, não sentiu medo. Orgulhosa, ela lembra: "O instrutor estava surpreso porque eu não demonstrei medo em nenhum momento; alguns caras que deveriam pular na mesma tarde desistiram na hora H". Suliane curtiu o momento e já decidiu a próxima aventura: pular de pára-quedas na Inglaterra. E arrisca: "Depois dessa experiência, vamos ver o que vem por aí, quem sabe um Bungee Jumping?" (risadas).

O relato de Suliane a respeito dos homens que iriam saltar e desistiram foi apontado também por Orlei. Ele, que já formou mais de 400 alunos, confirma que se 40% continuam praticando é muito. Somando, então, aqueles

que desistem e os que nem experimentam percebe-se que o público é restrito.

A conotação do termo esporte radical na sociedade é fator responsável por gerar medo nas pessoas, impedindo-as de experimentar tais atividades. Algumas pessoas ainda o consideram um "esporte de loucos", daqueles que vão à locais de escolha aleatória e se jogam, pulam, escalam, de qualquer maneira, sem segurança. Pelo contrário, descreve Orlei, "você vai lidar com pessoas extremamente especializadas para fazer as tarefas, um esporte que precisa de muito estudo. Não é só vestir a cadeirinha e sair escalando tipo bicho". O primeiro impacto que geralmente se tem ao ver eventos dessa ordem é "Nossa! Que medo!". Mas ele assegura que esse sentimento não é medo, e sim falta de autonomia, segurança e conhecimento das técnicas e da qualidade do equipamento.

Ver o mundo de cima de um penhasco, pendurado de cabeça para baixo, do topo de uma árvore, de dentro de um bote, na garupa de uma moto ou bicicleta nem sempre é para todo mundo. Há aqueles que praticam sem problema e aqueles que vão empurrados pelos companheiros. Existem aqueles que praticam uma vez e abandonam; há outros que participam semanalmente. Tem os que sonham em fazer um dia na vida, mas morrem de medo de arriscar. Outros ainda que só de ver já sentem pavor e nunca irão encarar.

Ter um medo inicial, portanto, é normal. Ter medo de altura não impede que o esporte seja praticado, isso será superado ao longo do trajeto. Apesar do que muitos pensam, sentir esse medo é bom. Isso mesmo. "Quando tu estás com medo, aí é o momento que estás mais seguro, porque tu não vai passar os limites que são impostos pela própria prática", declara Orlei.



Suliane Smith,
35, voando de
asa-delta no
Rio de Janeiro

categorias de base: futebol e pressão

Daiane Vivian Pomatti e Laura Becker

Incerteza do futuro gera medo em garotos que sonham se tornar jogadores

"Às 13h30min eu tenho que estar lá, os atletas já estão se trocando, e o ônibus sai nesse horário". Assim começamos a nossa entrevista com Luiz Gabardo, técnico da categoria sub-15 do Grêmio. Horário apertado, garotos passando e cumprimentando o professor a todo o instante, entrada e saída constante do vestiário. A partir desse momento, já tivemos um demonstrativo da sistemática das escolas de base de grandes clubes. Essa rotina de treinamentos, competições, viagens é o sonho de infância da maioria dos meninos. Querer ser jogador de futebol e brilhar com Neymar, Messi e Cristiano Ronaldo faz eles lutarem muito para chegar aonde essas estrelas já chegaram. O caminho, no entanto, não é fácil, e muitos obstáculos precisam ser superados.

Stéfano tem 22 anos e cursa jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conrado, hoje com 14, chegou ao Grêmio com apenas nove anos de idade. Ambos vieram do interior do Rio Grande do Sul e deixaram família e amigos para trás em busca de uma chance nas categorias de base de grandes clubes.

Natural de Bagé, Stefano conseguiu sua grande oportunidade em 2005 quando passou pelo peneirão e também pelo teste final no Internacional. Ele lembra até hoje o dia em que deram o resultado, após um mês de treinos:

"Estávamos eu e mais nove guris, eles chamaram no vestiário, nós sentamos em um banco desses grandes e me deixaram por último. Foram dispensando todo mundo e quando chegou a minha vez fecharam a porta. Ficou o preparador físico e o treinador comigo, e ele disse: "Olha, a gente quer que tu passe a integrar a nossa equipe". Desde pequeno, era o meu sonho, então eu lembro que saí e comecei a chorar, chorei uma meia hora, de feliz, sentado numa pedra do lado de fora. Depois liguei para o meu pai e comecei a chorar mais meia hora com ele."

Conrado dedica grande parte do dia aos treinos. O meio campista, mas que tem maturidade suficiente para saber que a lateral esquerda, posição carente

de bons jogadores, é o caminho para um futuro interessante já está a cinco anos no Grêmio. Descoberto pelo ex-jogador Everaldo Camargo em Ajuricaba (cidade vizinha à Ijuí/RS), o jovem entende que o principal motivo por ainda permanecer entre os atletas da base do clube é o momento em que ingressou:

"Uma semana após a minha chegada ao Grêmio eu já era titular. Mas eu acredito que isso tudo aconteceu porque cheguei aqui muito novo, se eu viesse hoje para o Grêmio nem sei se entraria no grupo. Aos poucos fui crescendo, melhorando e conquistei meu espaço, mas ainda assim é muito difícil conseguir entrar."

Se dentro de campo tudo aconteceu de maneira rápida, fora dele as coisas não foram tão fáceis. Para jogar no Grêmio, Conrado teve que deixar a mãe e os irmãos em Ajuricaba e vir para Porto Alegre com o pai. Inicialmente, a saudade e o medo eram constantes:

"Eu chorava todo dia. Tinha muita saudade do meu irmão caçula e da minha mãe. O meu irmão mais velho eu já via muito pouco, porque ele também pretende ser jogador e circula por muitos clubes."

Conrado conta que a decisão da separação da família foi muito difícil e que o pai teve que escolher por qual caminho seguir:

"Meu pai arriscou muito. Ele tinha um trabalho bom e, então, largou tudo para vir comigo. Eu era muito novo naquela época e a aposta seria bem grande."

Outro fator que pesava muito na vida do jovem atleta era a pressão que ele próprio se colocava para corresponder à aposta feita pelo pai.

"Eu tinha medo de chegar aqui e não conseguir nada para o meu futuro. Meus pais tentavam me deixar o mais tranquilo possível, mas era complicado. Já cheguei a arrumar a mala para ir embora, mas pensava que isso poderia acabar com o meu objetivo, que é ser jogador de futebol."

A situação vivenciada por Conrado não é muito diferente da de diversos jogadores que chegam com pouca idade nas categorias de base dos clubes. Luiz Gabardo fala que vários atletas, quando chegam muito novos, ainda não estão preparados para sair de casa, entrar em um clube grande e se adaptar.

"A maior dificuldade é a ambientação, ele sair do local onde se sente seguro, com a família, e vir para um lugar com pessoas estranhas, onde vai ser cobrado por uma meta que ele quer futuramente, que é ser jogador de futebol. Então a pressão é muito grande."

Pressão essa sentida na pele pelos jovens jogadores. Stéfano lembra que tinha muito medo de errar, de não treinar bem, sabia que estava o tempo inteiro tendo que provar o seu futebol.

"Eu não sei se era assim com todo mundo, eu sentia medo o tempo inteiro, eu nunca estava solto."

Ele percebeu que o comportamento dos garotos influencia muito na maneira como eles se adaptam a essa situação.

"Tu sente muito medo, eu especialmente sou tímido e jogador de categoria de base é bem "bolero", é meio que uma forma até de se proteger desse medo. E tu começa a notar isso, o pessoal começa a ser assim pra não deixar as outras pessoas falarem mal de ti e tu ficar com a auto-estima baixa."

O que Stéfano jamais imaginou é que sua estada no Internacional pudesse ser passageira. Após um período de férias, em sua reapresentação no início do ano, ele mudou de categoria, e consequentemente o comando técnico foi alterado. Logo na primeira semana foi realizado um treino coletivo, e ele foi dispensado; insistiu, conseguiu permanência por mais sete dias, mas não adiantou.

"Eu fiquei arrasado, porque não tinha feito nada de errado, tinha treinado todas as minhas férias, saía pouco, não bebia

e daí simplesmente veio um cara e me cortou. Tu não entendes.”

Esse momento também não é fácil para os treinadores. Gabardo também foi jogador e já passou pelo que os seus atletas passam hoje:

“Eu sei o baque que é ser dispensado de um clube e ter que partir pra outra. Mas nós tentamos mostrar que não é o fim do mundo. Que eles estão sendo dispensados, às vezes, não por serem maus atletas, mas por uma escolha da comissão técnica, e que eles tentem trilhar um caminho em outro lugar. Daqui a pouco não tem espaço aqui, mas vai ter espaço no Internacional, no Juventude, em times fora do estado.”

Stéfano acabou seguindo outro caminho. Aos 17 anos, passou a avaliar a possibilidade de fazer faculdade, tentar outra coisa.

“Fui estudar pensando nesse medo de que eu pudesse estar enveredando pelo caminho errado, mas não consegui largar assim de vez o futebol. E por todos os guris que eu conheci nas categorias de base, vi que ninguém consegue largar de vez depois que entra num clube.”

Passou em vários vestibulares, optou por fazer Oceanografia em Florianópolis.

Mas ainda sentia a persistência daquele sonho, que não estava bem resolvido. Voltou para Bagé, já com 19 anos, reiniciou os treinamentos, mas uma série de lesões - dez em um semestre - acabou por afastá-lo do futebol. Mesmo que esse ainda fosse o seu maior desejo de vida, era um objetivo cada vez mais difícil.

“A partir daí, passei num concurso, e meio que foi morrendo esse sonho. Hoje eu não tenho mais vontade. Mas levei três anos até conseguir que isso sumisse de dentro de mim, aquela coisa que eu acalentava de ser jogador e que me atrapalhou o tempo inteiro, eu não conseguia tirar isso da cabeça. Até hoje eu não me achei com certeza, só que agora já não tenho vontade, pelo menos não tenho mais o sonho de jogar.”

Conrado, por sua vez, foi vendo as coisas mudarem com o tempo: a adaptação a Porto Alegre e ao clube foi acontecendo, e a ideia de voltar para sua cidade foi deixada de lado. Hoje ele tem amigos no Grêmio e um bom empresário que o ajuda a continuar na Capital. O garoto até já projeta voos maiores, como a convocação para a seleção brasileira da categoria e, futuramente, chegar ao time profissional e ser vendido para fora do Brasil. E o medo de deixar tudo virou apenas saudade:

“O pior é quando nós vamos para Ajuricaba e voltamos. Eu fico uma semana bem abalado, mas depois vou me reacostumando. Na verdade, eu tento nem lembrar muito.”

Quando perguntado se pensa em outra carreira sem ser a de atleta, Conrado mostra uma vivência que espanta. Ele entende que precisa estudar, mas tem certeza de que vai ser jogador de futebol.

“Hoje eu já venci (o medo), não é mais como antes. Tenho mais tranquilidade agora, pois aprendi muita coisa. E não tem por que ter medo, afinal, estou há seis anos aqui. Desistir agora não dá!”

Ser dispensado dos grandes clubes é algo recorrente. Ficar em um clube por muito tempo ainda jovem é uma exceção à regra. O técnico Luiz Gabardo sabe disso e aconselha quem quer ser jogador a não desistir, lutar até o seu limite.

“Tentar novamente. Temos muitos exemplos de jogadores que não passaram muitas vezes pela peneira, mas não desistiram. Quem tem um sonho não pode desistir dele. Se o garoto acredita no seu futebol, no seu potencial, tem que persistir e buscar ao máximo as oportunidades. Se tem um sonho, tem que ir atrás.”



cedo demais?

Isadora Jacoby

O medo da gravidez na adolescência

A gravidez entre adolescentes não é um fenômeno novo, mas atualmente provoca receios bastante diferentes daqueles que preocupavam as jovens mães no passado. Antigamente, ocorria de forma natural, pois meninas de 16 anos eram donas de casa e já tinham atingido as suas ambições, tendo uma adolescência mais breve. Hoje, o período que abrange a adolescência foi prolongado, e a gravidez nessa fase é vista por muitos como um problema de saúde pública.

Nas classes mais baixas, esse processo não causa tanto espanto, pois, por motivos oriundos da divisão de classes sociais, as jovens não têm iguais recursos para buscar por estudo e alcançar metas mais elaboradas. Por isso, muitas vezes encontram na gravidez a possibilidade de um marco de passagem para a vida adulta, alcançando através desta a sua liberdade e independência. Na classe média, no entanto, a gravidez na adolescência em geral é vista como algo errado, que contrapõe aquilo que é esperado dessas jovens: estudar, ingressar em uma boa universidade, fazer pós-graduação e entrar no mercado de trabalho.

O tabu da gravidez precoce

A gravidez é um assunto polêmico entra as adolescentes e provoca uma sensação de medo. Medo de ficar grávida, medo de abortar, medo de contar para os pais, medo de ter um filho tão cedo, medo das renúncias e das responsabilidades que isso acarreta. Na adolescência, o jovem está começando a adquirir suas convicções e desenvolvendo sua personalidade. A gravidez precoce antecipa algumas vivências e interrompe uma fase onde se pode ser mais inconsequente, trazendo obrigações possivelmente prematuras. Muitas adolescentes optam pelo aborto, mesmo sendo uma prática ainda ilegal, por não se sentirem preparadas para ter um filho tão cedo.

Beatriz* engravidou aos 19 anos. Estava morando em São Paulo há três anos para tentar ser atriz e modelo e, na primeira vez em que transou com um amigo, engravidou. A reação inicial foi querer abortar. Comprou o remédio por 400 reais. "Eu não vida outra saída

na época, ou era aquilo, ou minha vida e meus planos para o futuro acabavam. Falei com uma amiga enfermeira, e ela me deu o nome de um remédio abortivo. O pai da criança não concordou, fez de tudo para eu desistir, mas eu estava bem apavorada e continuei com essa ideia. Mas o remédio não funcionou, e hoje eu agradeço por isso", conta ela.

Medos e preocupações

As adolescentes que escolhem por manter a gravidez e serem mães encontram na família e nos grupos de convivência os seus maiores receios. O medo da reação dos pais é um dos que mais preocupa as meninas. A possibilidade da decepção e da repreensão as assusta e acaba nortando suas atitudes. Paula* engravidou aos 15 anos do namorado e negou seu estado por dois meses, mas não cogitou o aborto: "Eu esperei para contar para minha mãe, porque na minha cabeça era como se nada tivesse acontecido, ainda não tinha caído a ficha de que eu estava grávida". A falta de diálogo nas famílias pode ser um fator condicionante tanto da gravidez precoce, já que muitos pais não conversam com seus filhos sobre sexo e métodos contraceptivos, assim como da opção por esconder a gestação, já que as jovens não sentem abertura para contar.

Com Júlia*, o caso chegou ao extremo. Grávida aos 15 anos do namorado, descobriu somente no quarto mês, pois tinham menstruado nos três primeiros meses, e só soube quando a barriga começou a crescer é que ela percebeu a gestação. No entanto, a atitude de Júlia foi radical: escondeu de todos a gravidez. "Eu não contei para ninguém. Era inverno, então eu usava uns casacos, e ninguém sabia que eu estava grávida. Um dia, já aos nove meses de gravidez, duas amigas minhas estavam dormindo lá em casa, e a bolsa estourou às 4 da manhã. Chamei minha mãe, e daí me levaram para o hospital. No outro dia, meu namorado soube. Ele foi correndo para o hospital, ficou comigo, disse que assumiria as responsabilidades de pai ao meu lado. Mas ele acabou caindo na realidade e terminou comigo uma semana depois da nossa filha nascer", conta ela.



O medo do julgamento

Da mesma maneira como essas meninas temem a reação dos pais, elas sentem medo do julgamento que as pessoas com quem convivem possam fazer sobre a sua gravidez. Sofia* descobriu a gestação da forma mais improvável: fazendo um ultrassom de rotina para acompanhar um cisto que tinha no útero. Pelas palavras do médico direcionadas à sua mãe, 'Parabéns vovó!', a menina de 15 anos soube que sua vida iria mudar. Ela namorava desde os doze com um colega, estavam na oitava série do ensino fundamental: "Durante a gravidez, continuei estudando, mas muitas amigas minhas foram proibidas pelos pais de andar comigo, eles olhavam de cara feia pra mim na saída do colégio. O meu corpo estava mudando totalmente." Da mesma maneira, Paula enfrentou as dificuldades da convivência com as outras adolescentes durante o período da gestação: "Naquela época eu tinha 15 anos, não tinha cabeça e me importava muito com que as pessoas iam falar sobre a minha gravidez. Tinha medo de como ia ser minha vida, do colégio".

Outro medo que surge no primeiro momento é o das renúncias, das mudanças, da chegada de novas responsabilidades e desafios que vêm com um filho. Beatriz temia à mudança que a maternidade provocaria nas suas escolhas de vida: "O meu maior medo era que os meus planos para o futuro acabariam. Eu estudo artes cênicas e, com uma criança dependendo de mim, eu não teria como continuar correndo atrás dos meus sonhos". Júlia, que escondeu a gravidez por nove meses, deparou-se com seu maior medo quando estava na maca do hospital a caminho da cesárea. "O medo que eu tive era que ela tivesse algum problema de saúde. Daí que caiu a ficha. Eu não tinha feito nenhum exame durante a gravidez. Quando ela saiu de mim, o nenê saiu todo branco, me deu um medo de 'Será



que ela tem alguma coisa? Será que ela vai ser saudável? Só ali me dei conta de que era pra vida toda", conta ela.

Mesmo superados os medos iniciais de contar para os pais, a chegada em novos grupos de convivência pode ocasionar alguns constrangimentos para essas mães. Paula diz que, passado o momento inicial de contar para as pessoas, ela sente-se bem com o apoio que recebe: "A primeira coisa que as pessoas falam é 'Ai, tão novinha? Mas tua filha é linda, é a tua cara'. Então, isso me deixa feliz, no fim das contas". Júlia sente-se incomodada com alguns comentários e às vezes omite o fato para não ter que explicar tudo novamente: "Tem vezes que tu conta e a pessoa fala 'ai, que legal!'. Mas às vezes a pessoa diz 'tão novinha?', eu fico meio assim; não é vergonha, porque eu não tenho vergonha nenhuma, mas essa repreensão é chata. Não gosto de escutar isso. Eu nunca iria esconder, mas às vezes não falo".

O medo do outro, do julgamento, está presente na vida dessas mães, que enfrentam preconceitos e olhares curiosos por muito tempo. Júlia conta que um dos momentos em que mais fica constrangida é nas apresentações de colégio da filha: "Ontem tinha apresentação de dia das mães no colégio da minha filha. Eu vou lá e as mães são todas mais velhas, então elas ficam me olhando, dá vergonha. Não é medo, mas é uma defesa".

Ser mãe durante a adolescência muda totalmente a trajetória de vida: antecipa algumas responsabilidades, faz com que as jovens mães abdicuem de alguns planos, e as torna maduras mais cedo. Sofia pensa que a sua vida seria totalmente diferente, mas que talvez não tivesse conquistado algumas coisas se não fosse mãe: "Faz falta na minha vida talvez ter feito mais festas, ter conhecido mais pessoas, mas também se

eu não tivesse minha filha provavelmente seria totalmente doidona, acho que eu não teria nem terminado meus estudos, não teria essa sede de querer ser alguém na vida para dar o melhor para ela". Júlia não acha que virou adulta somente porque teve uma filha aos quinze anos, mas acredita que desde então não pode ser muito inconsequente, ou, simplesmente, adolescente: "Tudo seria diferente se eu não fosse mãe. Eu tenho muita vontade até hoje de morar fora do país, então talvez isso estivesse acontecendo comigo agora, porque ela me priva de muita coisa. Não posso fazer umas loucuras com ela junto. Não é assim 'virei adulta agora', mas eu tenho vontade de fazer as coisas que eu fazia antes, de adolescente, e eu vejo que não posso mais fazer".

O futuro

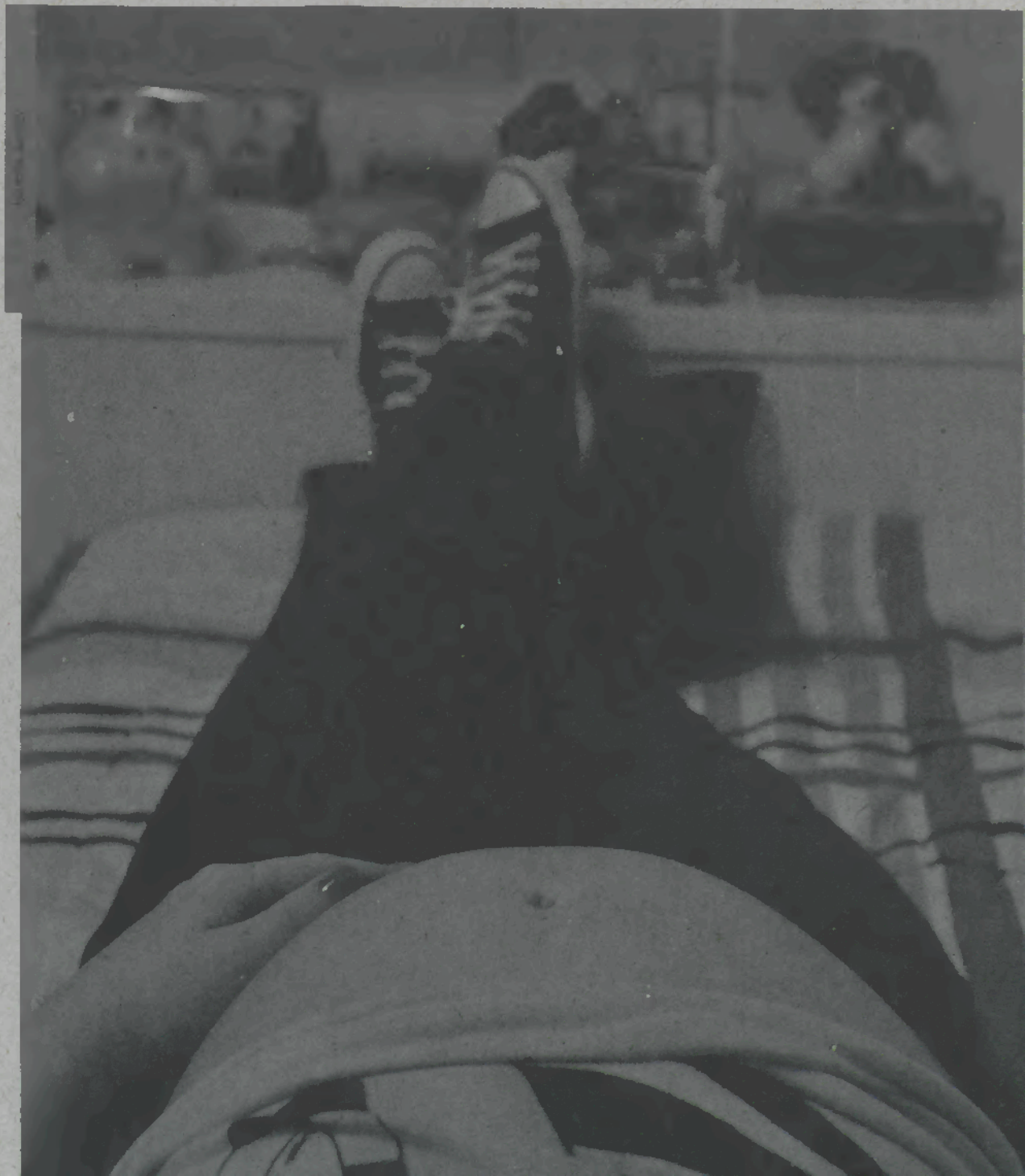
O medo do futuro é intrínseco à adolescência. Pensar no futuro, na profissão, na independência é algo que todo jovem faz. Quando se tem um filho, os planos envolvem sempre outra pessoa, a qual depende diretamente das escolhas mãe. Numa fase de decisão e formação de personalidade, ser mãe cedo é um fator determinante na forma de agir e buscar seus sonhos. Os medos e as ambições para o

futuro dessas mães estão sempre atreladas aos filhos. Beatriz coloca os planos para o filho em primeiro lugar: "Meu maior medo do futuro é não ser uma boa mãe. Quero que meu filho tenha tudo que ele merece: uma família presente, o melhor estudo que eu e o pai dele pudermos dar e que seja uma criança feliz. Depois de todos esses medos, vem o medo de não conseguir o que eu sempre sonhei para a minha carreira".

Assim como ela, Júlia também sente medo sobre o futuro da filha: "Cada etapa é uma coisa diferente, cada dia é um medo novo. Tenho medo de não conseguir responder as perguntas da minha filha, que talvez as famílias mais estruturadas consigam". Sofia pensa em criar uma relação baseada em diálogo e confiança, diferente da que teve com seus pais: "Estou passando para ela principalmente confiança para ela me contar tudo, para eu poder saber o que está acontecendo. Quando ela namorar, eu vou ter muito cuidado em relação a gravidez na adolescência, mas se algum dia acontecer, vou aceitar e dar o mesmo apoio que recebi, com certeza".

*Os nomes foram omitidos para preservar a identidade das entrevistadas.

- Agradecimento à colaboração da Prof. Dra. Gianna Frizzo, do Instituto de Psicologia da UFRGS.



a sombra do hiv

Pacientes que se descobrem portadores do vírus precisam lidar com medos nunca enfrentados

Marcel Hartmann

Sei também que, para os outros, esse vírus de science fiction só dá em gente maldita. Para esses, lembra Cazuza: "Vamos pedir piedade, Senhor, piedade para essa gente careta e covarde". Mas, para você, revelo humilde: o que importa é a Senhora Dona Vida. [...] Precisamos suportar. E beijá-la na boca.

Caio Fernando Abreu na crônica "Última Carta para Além dos Muros", publicada no jornal Estado de S. Paulo em 1994

"Foi horrível, foi um baque. Tu fica sem chão nenhum. Teve o primeiro resultado, depois vieram outros, porque os médicos repetem. Eu não acreditei no primeiro teste, feito na Santa Casa, então fiz mais dois em clínicas particulares, porque não acreditava". Há cinco anos, Ester* descobriu ter AIDS. Hoje ela faz tratamento para não perder a visão no Serviço de Assistência Terapêutica (SAT) do Hospital Sanatório Partenon de Porto Alegre. O lugar é referência estadual no tratamento de pacientes com HIV, doença cuja maior incidência no Brasil é no Rio Grande do Sul, segundo relatório publicado em 2011 pelo Ministério da Saúde. Apesar de bastante divulgada à população, a enfermidade ainda é marcada pelo preconceito e pela enorme carga de preocupações que traz quando é descoberta.

Ester chegou ao SAT, também conhecido como Hospital-Dia, por recomendação dos médicos da Santa Casa de Porto Alegre após ser diagnosticada com citomegalovírus. Ao atacar sua retina, o agente fez ela perder um terço da visão do olho esquerdo. Todos os dias a paciente vem à instituição, localizada no bairro Partenon, para fazer um tratamento com o Ganciclovir, remédio intravenoso que controla a ação do vírus.

Foi ali que ela conheceu a enfermeira responsável pela adesão ao tratamento dos pacientes, Vaneza de Andrade da Fontoura. O trabalho da profissional é convencer os pacientes diagnosticados com AIDS a tomar os medicamentos para combater a doença. Ela diz que, muitas vezes, o tratamento é abandonado porque a família ou a própria pessoa não aceita a situação. "Tem uma questão social e psicológica muito grande. Muita gente ainda sofre preconceito no trabalho ou em casa com a família, e esconde os remédios ou não quer fazer o tratamento para que não descubram", afirma a enfermeira. Como consequência, gradualmente o portador perde a vontade de se manter vivo.

Apesar das informações a respeito das formas de transmissão circularem por meio de campanhas governamentais, em aulas ou palestras nas escolas e mesmo na internet, ela diz que ainda se pensa que o HIV pode ser transmitido a partir de beijos,

abraços ou compartilhamento de copos e talheres. "A pessoa que não tem perspectiva de vida acha que vai morrer ou que vai contaminar o outro. Às vezes, os pacientes relatam que a família começou a lavar os pratos com água sanitária. Eles passam por coisas bem complicadas", relata.

No caso de Ester, entretanto, a reação da família foi positiva. Dona de uma lavanderia na época, ela nem desconfiava de que o vírus atacava as células de defesa do corpo quando foi ao médico devido a uma febre alta. Com receio de estar com câncer, doença com alta incidência na parte materna da família, ela fez o teste para detectar o vírus a pedido do hospital. Entrou em choque ao descobrir ter AIDS em estágio avançado. "É o fim. Apesar do médico não dizer que era câncer, tu acha que é o fim, porque ficar o resto da tua vida dependendo de medicamento... Até porque, quando eu descobri, já deveria estar tomando o remédio há anos, mas como eu ia saber?", afirma, enquanto procura não mexer o braço que está recebendo o Ganciclovir na veia em uma sala do SAT.

Para os desinformados, Ester não estaria em grupo de risco. Casada há um ano, ela não mantinha relações sexuais com outras pessoas e tampouco era usuária de drogas. Quando descobriu a doença avançada no corpo, pediu ao marido que fizesse o teste, cujo resultado deu negativo. Devido à alta carga viral e ao pouco número de células de defesa da esposa, tudo apontava para que Ester tivesse adquirido o HIV há anos. Ela desconfia ter sido infectada pelo antigo marido, que a traía e com quem estivera casada por dez anos. "Claro que tu fica com raiva, né? Mas tu convive com a pessoa e acredita que teu parceiro não vai fazer isso contigo", diz, para acrescentar que, hoje, crê que ninguém pode nem deve deixar a própria saúde nas mãos do outro, já que apenas cada sabe de si mesmo.

Enfrentando a verdade

O diagnóstico foi recebido como uma sentença de morte. Durante um ano, Ester teve depressão e não quis sair de casa. Não tinha vontade de levantar da cama e tampouco tomava os medicamentos que a família lhe dava - o que acarretou a

perda parcial da visão e uma insuficiência no pulmão. "É complicado tu olhar para a medicação. Cada vez que tu encara, tu lembra da doença. Hoje é o contrário, eu tomo os remédios pensando que é para eu me manter viva e para não deixar a doença tomar conta", diz, orgulhosa.

A fase pela qual passou ilustra o que a coordenadora e aconselhadora do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) Caio Fernando Abreu, Ana Lúcia Pecis Baggio, relata ser uma reação comum. Ela e os colegas aplicam testes de HIV, hepatite e sífilis e procuram preparar as pessoas para um possível resultado positivo. Apesar de ressaltar que hoje a sociedade tem mais informações e que no CTA se tenta diminuir o impacto da notícia, ela diz que os pacientes ainda encaram a AIDS como algo horrível. "A gente não pode negar que existe uma ligação muito forte com a morte e com o que vai acontecer. Pessoas ainda perguntam: 'se eu tiver a doença, quanto tempo de vida ainda tenho?'", relata.

Além das questões relativas à saúde e ao preconceito, Ana Lúcia revela uma preocupação comum entre as portadoras do vírus. "Existe uma questão muito delicada que é a de a mulher achar que não pode mais ter filhos. Esse medo ligado à maternidade mexe bastante com elas", explica. O risco da grávida infectar o bebê, no entanto, pode cair para menos de 1% se a gestante tomar adequadamente os antirretrovirais, de acordo com o Ministério da Saúde.

Medo de namorar é outro empecilho

Ester venceu a depressão, parou de sentir raiva do ex-marido, que acredita

ter lhe infectado, e não associa mais AIDS à morte. No entanto, separada há um ano do segundo esposo, com quem enfrentou o processo de diagnóstico até a aceitação, sente-se insegura para iniciar um novo relacionamento. O principal medo é o de revelar ser portadora sem assustar um possível pretendente. "Se a gente for para cama, já vai ter uma amizade e uma relação. Mas e aí, eu não conto? Acidentes acontecem, imagina se estoura uma camisinha? E se eu falar depois, ele vai dizer 'por que tu não falou antes?'", questiona.

O medo de ser rejeitada por alguém é grande, mas como esconder a rotina diária de tomar o coquetel de remédios de manhã e à noite, além das idas ao Sanatório para tomar o medicamento intravenoso contra o citomegalovírus? "Quem quiser ficar comigo, vai ter que ficar comigo e com a medicação. Não é tão complicado. Sempre tem uma pessoa para aceitar a outra, do jeito que ela é", reflete. Em meio a essa esperança, ela convive com a angústia de que o último marido faça o teste e se descubra portador. "Se ele der positivo [por minha culpa], eu vou me sentir muito mal, muito mal mesmo. É uma culpa que eu espero não carregar", afirma. A enfermeira Vaneza, no entanto, interrompe e diz que não há como, já que o tempo de incubação do vírus que poderia ter sido adquirido já passou. Mesmo assim, Ester bate o pé e segue mantendo o temor.

Aos portadores, o foco precisa ser na vida

Para quem se descobre portador do vírus, Ester afirma que é preciso se focar na vida. "Dá para viver muito bem com HIV, é só não ir contra o que os

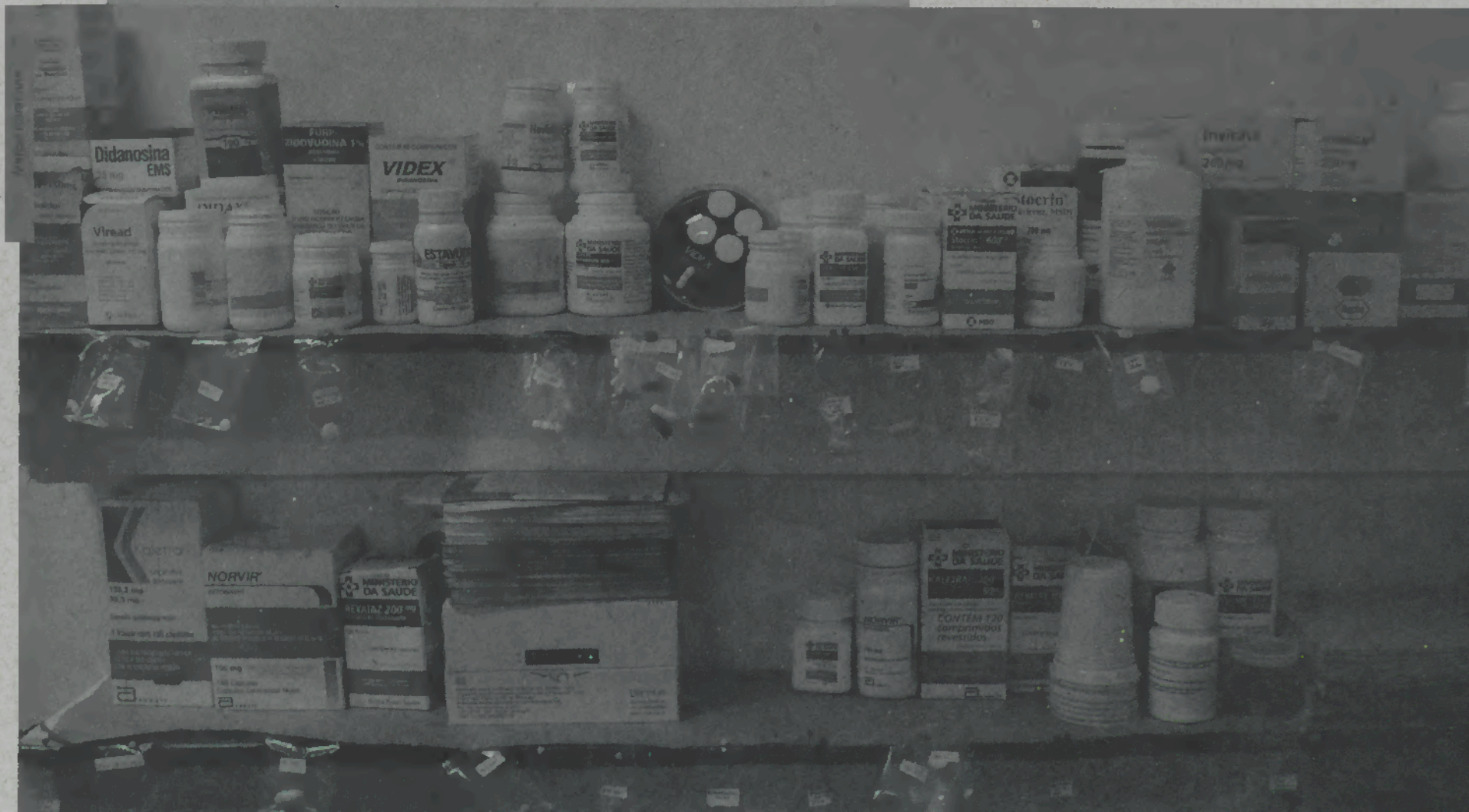
médicos falam. Eu fiz isso durante anos, achando que eles estavam errados, mas agora eu vi que eles estão certos. Vi no sofrimento, mas vi. É bom viver - ainda mais tendo pessoas para te ajudar", aconselha. Já Ana Lúcia, coordenadora do CTA, afirma que a expectativa de vida dos portadores pode ser equivalente ao de qualquer outra pessoa, se todas as recomendações médicas forem seguidas. Por fim, sentencia: "AIDS não é morte".

Mesmo que Cazuza, Freddie Mercury e Renato Russo tenham falecido em decorrência da enfermidade, hoje a perspectiva é muito mais positiva para quem for diagnosticado. Mais do que o tratamento, o acompanhamento dos médicos e da família, o crucial é que o próprio paciente queira viver e procure ser mais forte do que a doença. "Agora estou muito ocupado. Não tenho tempo para morrer", como Caio Fernando Abreu.

*O sobrenome da entrevistada foi ocultado para preservar sua identidade

Testes para HIV, hepatite e sífilis podem ser feitos no SAT sem qualquer custo e o resultado sai em menos de uma semana. Para marcar um exame, basta ligar para 51 3336-1328 ou ir diretamente ao Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) do Hospital Sanatório Partenon - Avenida Bento Gonçalves, 3722, bairro Partenon.

Remédios já receitados aos pacientes desde o início do tratamento contra a aids



aqueela sobre down

Stefanie Cirne

Como sintoma de final de semestre, eu estava com o corpo pesado quando apertei o botão do elevador. Dois anos de faculdade e meu poder de autossabotagem ainda me surpreende e encerra minhas semanas com sensação de *should have known better*. Por que eu não me organizei, por que eu não previ que a pauta inicial era problemática, por que eu não dormi mais cedo? Eu passaria a próxima hora educadamente administrando bocejos – que nada tinham a ver com a entrevista em questão – e meu pai, fazendo hora no estacionamento de um supermercado.

“É no nono andar?”, pergunta o moço da portaria. “A dona Tânia avisou que estava te esperando.”

Dona Tânia, mãe do Ricardo, o Cadinho, aceitou me receber numa manhã de sábado. Marcamos a entrevista na noite anterior; era o melhor horário para fugir do transtorno da reforma do apartamento. Que ela tenha tido essa delicadeza serviu para me arrancar um sorriso cansado. O elevador chegou.

Quando encontrei a porta certa, a senhora loira baixinha me aguardava, retirando a chave da fechadura. “É muito escondido, né?”, disse com um sorriso. É sempre bom quando a fonte é gentil com o entrevistador, mas nesse caso, senti um alívio extra depois de tanta dificuldade em encontrar alguém à vontade para conversar. O colega que me indicou a dona Tânia conta que nem precisou dizer do que se tratava a matéria quando falou com ela: “É sobre síndrome de Down, né?” Embora a espontaneidade tenha se revelado um problema na hora de organizar esse texto, mais tarde eu deixaria o apartamento muito grata por ter sido concedida um fluxo quase ininterrupto de consciência durante uma hora e meia.

Sentamos no sofá da sala bem iluminada, com uma enorme TV plana e um retrato do casamento de uma moça. “Só não te levo lá dentro porque tá tudo um pó...” Que isso, imagina. Dona Tânia contou que Cadinho estava no banho,

como manda seu ritual diário, e logo o assunto se encaminhou da reforma para o filho. Descobri que ele completaria 40 anos dali a uma semana. “Ele disse pra mim, ‘mãe, eu queria fazer o meu aniversário, porque eu nunca mais festejei, né... Como é que o do Rodrigo foi feito?’ O do Rodrigo, ele foi no sábado passado. Porque eu queria com DJ.”

A idade de Cadinho surge enquanto ela me fala da história dele, que flui natural, torrencialmente depois da formalidade do “que tu quer saber? Eu vou falando, tem algo que tu queira me perguntar...?” Ele foi o primeiro filho de dona Tânia e nasceu quando ela tinha 24 anos – oito anos antes de Vanessa, a noiva do retrato. Nasceu à noite; a mãe não o viu antes da manhã seguinte. “No que eu olhei...”, diz, virando os olhos de esguelha em simulação. “Me lembro direitinho. O médico entrou, disse que queria conversar comigo, perguntou pelo pai dele... E eu disse, ‘já sei: ele é mongoloide, né, doutor?’”, conta, semicerrando os olhos como se eu fosse o médico. “Porque na época, era assim que se chamava popularmente.”

Iniciou-se uma longa peregrinação por médicos “pra chegar num e dizer não era, entende? A gente primeiro olha e pensa ‘Meu Deus do céu’, né. Não vai caminhar, não vai falar, não vai fazer nada. Meu marido inclusive levou ele em um médico que disse isso.” O último médico, que se tornou o pediatra de Cadinho, confirmou a síndrome, mas receitou à mãe que não se preocupasse. O bebê cresceu com ioga, natação, entrou na escola aos dois anos, mas não conseguiu ser alfabetizado (“uma porque: muito preguiçoso”; mães são implacáveis).

Durante muito tempo, dona Tânia deslocava-se até o Triângulo da Assis Brasil, deixava Cadinho na escola, voltava para casa e aprontava a filha para o colégio. Até os 28 anos, ele separava por cor os balões em saquinhos para a Super Festas e fazia outras pequenas atividades por uma recompensa de dois ou cinco pilas no fim do mês, recebidos como se

fossem uma fortuna. Quando a direção da escola mudou, acabou o dinheiro, o trabalho e a graça. As tardes se resumiam a um banco no pátio do colégio.

“Então, resultado”, resume ela, “Eu tava me cansando, me estressando demais... Porque quando eu tinha carro, até não era tão desgastante, mas depois de ônibus, quando eu me separei...” Quem mora nos caminhos rurais de Porto Alegre também conhece a *via crucis* do transporte público. “Aí um dia, uma senhora me olhou na parada e disse, ‘minha filha, eu te vejo sempre aqui, mas tu tem uma carinha de cansada!’, e ela solta uma risada. “Onde é que tu vai todos os dias?”

Contou à senhora que deixava Cadinho na escola. “Tu gosta muito desse teu filho, né? Então não traz mais ele. Ele ficando em casa contigo, tu vai durar mais tempo pra ficar na vida com ele. Porque daqui a uns dias, tu vai ter um troço, eu tô vendo que tu tá esgotadíssima.” Não conseguia fazer nada além de escutá-la. “Eu tremia de cansada, sabe. Ela disse, ‘quem é que vai fazer o que tu faz por ele se tu morre daqui a alguns dias?’ Eu pensei e era mesmo.” Seguiu contando com leveza um caso que tinha me deixado tensa ali. “Ainda se ele me dissesse que tava aproveitando, mas eu ia buscar e ele tava sem fazer nada... Tirei.”

Hoje Cadinho ocupa seu tempo no quarto, com o karaokê, o material de colorir e o pequeno frigobar, ávido devorador de energia que só é ligado no verão. “Eu sempre digo – podem dizer, ‘ah, isso aí é história dela’: não, não é – eu fui abençoada com esse filho. Claro, qual é a mãe que não queria ter um filho sem nada? Mas quando Deus me deu ele, eu pensei, ‘eu prefiro ele assim do que um drogado, um ladrão, um bêbado.’ Um que saia de noite e tu não saiba o que tá fazendo. Ele tá aqui comigo, é meu companheirinho”, explica ela para algum ponto da sala. “A única coisa que eu digo pra todo mundo é que, se me convidam pra alguma coisa, saibam que eu tenho quatro pernas e quatro braços.”

Dona Tânia conta que não tem quem não goste dele, tão carismática a figura; conta que o número de convidados que Cadinho tinha aliciado até então para sua festa já poderia lotar o Gigantinho. "Vai ser no salãozinho do térreo da minha filha, não cabe muita gente. Então, eu disse 'não, tu convida os teus amiguinhos mais chegados, a tua namoradinha...' Porque ele é noivo, né." Carolina viria com a mãe no próximo fim de semana para ajudar nos preparativos do aniversário. Cadinho é noivo daqui e ela é noiva de Guaporé. Só se veem na praia, em fevereiro; falam-se por telefone diariamente; trocaram alianças há mais de dez anos. "A aliança dele preteava, aí eu peguei a minha, mandei aumentar e dei pra ele. Ele nunca mais tirou, e ela também ganhou uma dourada da tia."

Dona Tânia fala dos dois com a ternura maternal de quem acompanha um namoro de primeira série. De repente, ela dá um tapinha no meu joelho. "Ah! E ela liga pra ele e diz assim: 'eu quero transar!' E ele vira pra mim e pergunta, 'mãe, que que é transar?' E como é que eu vou explicar?!", pergunta ela, rindo. Após tanto tempo, dona Tânia não pode

mais escutar as conversas pela extensão do telefone sem ser sonoramente repreendida por Cadinho de dentro do quarto, nem espiar o casal pela fresta da porta nos veraneios em Capão sem ouvir de Carolina. Até hoje, dona Tânia se lembra de quando o filho ficou doente, na praia e recebeu visita da namorada. "Ela subiu, ficou um pouquinho lá em cima e desceu. Aí contou para a tia dela: 'não fala nada pra minha mãe nem pra minha sogra, mas aconteceu!' Quando a mulher veio me contar, depois, eu perguntei, como assim, meu Deus?", diz entre risos. "E ela tinha dito, 'Eu beijei ele deitada na cama!'"

Vejo que o assunto está encerrando quando ela restaura a entrevista em detrimento da conversa. "Não sei se era isso... Tem mais alguma coisa que tu queria perguntar?" Bom, o foco dessa matéria é medo, mas a senhora já falou sobre deixar ele sozinho... Dona Tânia concorda com a cabeça. "Eu achei muito interessante uma coisa que a mãe da Carolina me disse uma vez: 'eu só peço a Deus que ela morra antes de mim. Se alguém tiver que sofrer aqui, que seja eu, porque se eu morrer, ela vai sofrer

muito'", diz ela, com a mesma serenidade com que contou o incidente da parada. "Embora seja muito da irmã dele, ele vai sofrer horrores. Ele diz que não vive sem a mãezinha dele, então eu penso a mesma coisa. Não posso me imaginar sem ele, mas um dia tem que acontecer, né", diz, e me olha por cima dos óculos como uma vovó conselheira. "Então tá."

Cadinho saiu do banho há um tempo, e o silêncio faz dona Tânia se lembrar de chamá-lo. "Cadinho! Tu pegou outro xampu?" Um "peguei" abafado vem do quarto. Dali a alguns instantes, um rapaz baixinho e ligeiramente grisalho entra na sala e prontamente me cumprimenta com um beijo e um sorriso; tem uma pequena ferida no canto da boca, que, segundo dona Tânia, já fora reclamada ("No meu aniversário eu não posso tá com isso aqui, né, mãe? Porque eu tenho que beijar muuuuito!") Ele elogia o meu nome, impressiona-se com o tamanho do celular e me oferece um puxa-puxa. Depois de tirar a foto, ele se frustra que o veranico tenha selado o plástico em torno do doce - e, ao sair pela porta, imagino que meu pai deva estar impaciente com a demora lá embaixo.



de álcool e de sangue

Enfrentando o alcoolismo na família

Ariel Engster

Eu tenho um monstro dentro de mim: eu tenho medo que ele saia.

Eu tenho uma dor dentro de mim: eu tenho medo que ela apareça.

Eu tenho uma doença dentro de mim: eu tenho medo que ela se manifeste.

MONSTRO

"Até hoje associo o cheiro da cachaça ao meu pai", diz B. Não é para menos: em quase todas as lembranças que B. tem do pai, ele estava alcoolizado. O cheiro é, aliás, praticamente a única coisa que restou das memórias mais antigas. "Acho que o cara apaga algumas coisas pra se proteger, né? Eu lembro do meu pai discutindo com a minha mãe, mas não sei exatamente o que eles diziam, e as imagens tão bem confusas na minha cabeça. Mas do cheiro eu lembro bem. Cheiro de álcool, de cachaça."

O temor que B. tinha do pai é o que mais marca suas recordações. "Na nossa relação não havia nada de afeto, eu só tinha medo." Ele e sua mãe só se sentiam seguros enquanto estivessem sozinhos, pois quando o pai chegava, tornava-se uma ameaça. "Ele ficava muito violento quando bebia. Batia muito na minha mãe e eu ficava com medo, não reagia, não fazia nada."

Até que B. não suportou mais. Vendo o pai bater mais uma vez em sua mãe, reagiu. "Teve um dia que eu parti pra cima dele. Eu não aguentei, tava com muita raiva. Não consegui pensar no que fazia até que ele saiu de casa e fechou a porta. Ai eu desabei. Eu sentei no chão e chorei. Eu expulsei meu pai de casa." B. tinha 22 anos e se viu, pela primeira vez, livre do pai, que abandonou definitivamente a família.

"Na verdade, eu não conheci meu pai. Nada dessas coisas de estar nos momentos especiais da minha vida, acompanhar na escola, me levar pra uma festa, abraçar e tal. Nada disso, eu não vivi essas coisas. Eu só conheci um bêbado, um cara tomado pelo álcool. O meu pai, esse eu não conheci."

DOR

G. nunca chegou a apanhar do marido. Suas dores podem não ter sido físicas, mas nem por isso foram menores. "Viver com um alcoólatra é não ter descanso nunca", afirma a senhora de 62 anos. "Eu me irritava quando meu marido estava bêbado perto de

mim e sofria com a desconfiança quando ele tava longe." Sem ter certeza de onde estava o marido e, principalmente, se estava sóbrio, G. ficava aflita. A dúvida a machucava. Não conseguia deixar de imaginar que ele estava nalgum bar. "Eu ficava quase psicótica, estava sempre cansada emocionalmente, sabe? Tinha pavor só de pensar que ele podia estar bebendo. Meu peito doía de tanta preocupação. Eu rezava para que ele chegasse logo em casa e eu pudesse ter certeza de que ele não tinha bebido".

Por anos G. lutou para ver o marido longe da bebida. Chegou a acreditar que o problema era com ela e cogitou se separar. Por fim, convenceu-se de que não poderia curar o marido. "Foi ele mesmo que decidi parar. Passou a frequentar os Alcoólicos Anônimos e não botou mais uma gota de álcool na boca até morrer."

Logo que o marido largou a bebida, G. sentiu-se aliviada, como se finalmente estivesse livre de todas as desconfianças. Não foi bem isso que aconteceu. "Mesmo anos depois de ele ter parado de beber, eu ainda imaginava que ele estava bebendo quando estava longe de mim". G. acabou descobrindo que, mesmo com o marido sóbrio, ela não tinha escapado dos problemas do alcoolismo. "Eu tive medo, até meu marido morrer, de que ele recaísse. Às vezes, à noite, batia um pânico e eu sonhava com ele entrando em casa bêbado, ou eu encontrando uma lata de cerveja que ele tinha bebido. Era assustador pensar que tudo aquilo podia voltar."

DOENÇA

Há uma foto na parede do escritório de C.: uma garotinha em sua festa de aniversário, abraçada ao pai. "Se me dissessem cinco anos atrás que eu iria ter tanto orgulho ao olhar essa foto, eu não acreditaria", diz ela. Passaram-se 19 anos desde aquele aniversário. Nesse tempo, C. descobriu que o pai possuía uma doença. O alcoolismo acabava aos poucos com a alegria de estar junto do pai. C. sentia-se magoada, pois acreditava que ele não se importava com a tristeza dela. Mas ele se importava, sim. Mais do que isso, ficava tão triste quanto ela, pois se sentia incapaz de vencer o vício.

"O alcoolismo atinge toda família, ninguém entra nessa sozinho", diz C. Ela compartilhava com o pai os medos e as dores da doença. Sua vida foi tão afetada pelo álcool quanto a do pai. Mesmo que até os 19 anos C. não bebesse. Ela temia também tornar-se alcoólatra. "Ninguém sabe o que causa o vício. E se for genético? Eu não quero que minha família passe pelo que eu passei."

C. superou as preocupações e pode beber normalmente. Já seu pai supera, a cada dia, uma doença sem cura. "Há quatro anos ele está limpo", conta, "nós estamos recuperando tudo aquilo que perdemos por causa da bebida. É incrível reconstruir tudo isso. Eu sempre amei meu pai, mas não conseguia não ter raiva ao mesmo tempo. Hoje eu posso amá-lo de todo coração." Depois de dividirem dores, C. e seu pai podem dividir sorrisos. Como na foto de 19 anos atrás.



o medo sem teto

Os temores de quem tem a rua como lar

Priscila Daniel

Maria* vive embaixo do viaduto. Ela construiu para si uma pequena casa de papelão no canto da construção e trabalha ali mesmo, cuidando os carros estacionados. Sentada em uma cadeira, de frente para os veículos, ela é acompanhada por seu cão. "Ele me cuida", diz ela. Cada um faz do seu melhor para amenizar as mazelas da rua: muitos montam uma fogueira, outros vão para abrigos municipais, alguns apelam para o álcool ou as drogas.

No dia 18 de agosto de 2012 Jorge Amado completa cinco anos na rua. Com nome de escritor, Jorge ficou sem moradia devido ao desemprego e à falta de renda. Fernando está na mesma situação em decorrência do alcoolismo que o assolava no passado. Já Luís está fora de casa por brigas com a família. A história desses três homens se confunde com muitas das trajetórias das 1.347 pessoas em situação de rua da cidade de Porto Alegre (dados são do último censo realizado pela Fundação de Assistência Social e Cidadania [FASC]).

No começo da trajetória, o medo do desconhecido é um companheiro frequente. Fernando está há dois anos na rua e conta que a aflição se dá pela falta de informação. "Eu não conhecia nada, nem sistema de albergue, nem como eles viviam na rua", relata. A realidade das pessoas em situação de rua está longe de ser fácil. Vulneráveis e suscetíveis à falta de estrutura, eles sentem o medo de quem é ameaçado por fome, frio e violência.

Todas as manhãs, o grupo Começar de Novo se reúne para discutir condições mais dignas para as pessoas em situação de rua. Sediado no piso superior do Restaurante Popular, em frente à rodoviária de Porto Alegre, o movimento agrupa diversas pessoas que participam de projetos artísticos, culturais e sustentáveis.

Frequentemente as pautas das reuniões são os perigos e as injustiças sofridas nos albergues. Rosângela, um dos membros mais ativos do grupo, comenta o temor de quem é suscetível a uma série de riscos. "Não é só o medo de ser atingido por uma bala perdida, mas o medo de calar, de ficar quieto, de estar em um espaço em que tu não cabe, e silenciar, não reclamar", enfatiza. Jorge



comenta que no albergue passa de tudo: cachorros, gangues, drogas. Apesar das adversidades, Fernando, outro membro do Movimento, afirma que dormir no albergue, mesmo que as instalações não sejam as melhores, é mais vantajoso do que dormir ao relento. "A pessoa trabalha, e ainda tem que dormir na rua, fica bem difícil. Se dentro do albergue já é difícil, na rua é bem pior".

Rosângela é colaboradora e vendedora do jornal Boca de Rua. A publicação é elaborada e distribuída por pessoas em situação de rua. Ela ingressou no jornal por um "acidente de percurso", já que sua formação é nas artes plásticas. Nas pautas, os repórteres abordam questões como trabalhos artísticos, lutas por direitos e questões próprias da comunidade. Essas iniciativas são importantes para proteger o direito de quem, mesmo sem teto, não deixa de ser cidadão.

O jornal é um meio de dar voz à comunidade. Rosângela diz que a coragem de falar e de denunciar abusos e falta de condições é muito importante. "O pessoal cala e se submete porque está em situação de vulnerabilidade", argumenta. "Eu não posso ter medo. Daí eu não reajo. Eu tenho que ter coragem: se eu tiver medo, eu

calo, eu paro". O depoimento de Rosângela mobiliza muitos dos companheiros do Movimento Começar de Novo. Para ela, que está na rua há um ano e três meses, temer não é o bastante. "Do que adianta tu ter medo quando tem fome? Tu só sente a fome. Tu pode ter medo quando tu tem alguma coisa. Daí tu tem medo de perder. Mas quando tu perdeu, tu não vai ter medo de nada, simplesmente tu vai solucionar aqueles problemas".

Mas o temor que cerca a maior parte das pessoas não vem apenas do que é palpável ou visível. "Meu medo não é físico, porque creio em Deus. Mas meu medo é moral. De me desestruturar emocionalmente e vir a ser um indigente, deixar de ser gente. Quando ainda tem perspectiva de vida, tu ainda tem um futuro a almejar, tu continua gente." O depoimento de Luís justifica a luta de boa parte dessas pessoas. Movidas pela intenção de levar uma vida menos difícil elas seguem como Fernando, que mudou de cargo no serviço e está com planos de sair dessa situação, ou Rosângela, que investe no trabalho como vendedora para juntar seu dinheiro. A luta diária deles e das outras 1.347 pessoas continua.

*A fonte não quis se identificar

insegurança comercializada

Melissa Peres

Pelas lentes das câmeras de segurança passa o fluxo contínuo de pessoas em sua correria habitual. Cercas elétricas no alto dos muros e portões (cada vez maiores) resguardam casas e prédios do mundo exterior. Para além das janelas e portas protegidas por grades de ferro está o medo da violência. Medo este que não se restringe à cidade grande, é verdade, mas que diz muito sobre a vida urbana atualmente: um turbilhão diário de gente que circula com seus veículos e bens de consumo, problemas, e inseguranças por todo o lado. Indivíduos absortos em si mesmos, distraídos, com preocupações e inquietudes demais e desconfianças também, buscando continuamente proteção contra algum inimigo incerto.

A violência pode se manifestar das mais diversas formas. No entanto, é alimentado pelos meios de comunicação e divulgado em abundância, dia a dia, um reducionismo que não considera a complexidade com que a violência está inserida na sociedade: ela é, de fato, muito maior que a combinação mocinho-bandido veiculada na mídia, dos estereótipos e clichês utilizados - indivíduos de classe média (normalmente classe média alta) temendo algo/alguém que lhes tire o sono e a liberdade, presos em meio a seus equipamentos de segurança. "Ouvimos falar da violência a toda hora, em todo lugar. A gente vê nos jornais o tempo todo. A desconfiança das pessoas aumentou muito também. É um medo que todo mundo acaba tendo agora", diz Elisa Souza de Oliveira, dona de casa, de 48 anos, a respeito de um de seus principais receios cotidianos. O medo da criminalidade é pautado exaustivamente, sendo presença garantida nos programas de TV populares, com a exploração e banalização da tragédia alheia, mas também está nas capas de jornais voltados para classes A e B, com um enfoque não menos explorador e banal. "Não está acontecendo um caso abusivo de exploração da violência na mídia? Alguns programas e emissoras só pautam isso. Alguns querem fazer o papel da polícia, expõem demais as pessoas com humilhações e exageram", argumenta Paulo Lourega, advogado, de 54 anos.

Para tentar dissipar o desconforto e o medo, cada vez mais se deposita grande confiança em um mercado disposto a

vender segurança por meio de alarmes, grades e toda sorte de parafernália, que tentam oferecer proteção às pessoas. "Aqui, até pouco tempo atrás, não era permitido o uso de grades nas janelas que não estivessem no primeiro andar dos prédios. Hoje que o uso das grades é permitido, vários apartamentos já estão utilizando", diz Maria Inês Salgado, de 52 anos, professora de inglês (em uma Escola Pública), moradora de um condomínio na Zona Sul de Porto Alegre há 18 anos. "Além disso, faz pouco tempo que foram instaladas câmeras nas praças do condomínio e nos elevadores, cercas elétricas no portão e também os serviços de uma empresa de segurança foram contratados. Não tinha nada disso antes, é muito recente, e em pouco tempo já foi feito um grande investimento nisso", continua.

Mas alarmes e portas trancadas não são tão eficazes contra o medo que se manifesta dentro de casa. Porque, se os números de criminalidade ainda são bastante elevados no país, é uma concepção ingênua a de achar que a violência pode acontecer apenas do lado de fora. Em 2009, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) - pesquisa feita pelo IBGE - constatou que 43,1% das mulheres e 12,3% dos homens já sofreram violência doméstica. Dados como esses são sempre estimativos, já que agressões

físicas e verbais em ambiente familiar ainda são omitidas e minimizadas em grande quantidade. "Ainda existe muita gente que acha comum utilizar atos de violência, verbal ou física, principalmente, na criação dos filhos, acha isso uma forma de educação", conta T. F., estudante de História que não quer ser identificada, que viveu casos de violência doméstica ao lado da mãe e de uma irmã, por 13 anos. "Existem muitas mulheres e pessoas no geral - isso inclui os vizinhos das vítimas, por exemplo, que muitas vezes assistem a tudo e se omitem - que não querem denunciar por medo, ou por se sentirem os verdadeiros culpados, ou até por ignorância mesmo, por achar que estão exagerando ou que é um problema apenas deles", continua.

A violência é um grave problema, mas ainda é alimentada pela sociedade, seja com omissões, preconceitos ou interpretações distorcidas. E a insegurança - além de ser um déficit do Estado, resultado de fatores como o mau preparo de policiais e falhas no Judiciário - tornou-se um produto comercializado no mercado e superexplorado na mídia, com uma visão alterada, tendenciosa e irresponsável. A violência está entre os principais temores coletivos atuais, mas não termina onde começam os limites das cercas elétricas e das grades de ferro.



Melissa Peres

"não é changa"

Stéfano Mariotto de Moura



Stéfano Mariotto de Moura

- Siempre acá voy a estancia Ibaté?

O portunhol, apesar de precário, faz-se necessário. Nascido na fronteira Brasil-Uruguai, sempre ouvi os castelhanos dizerem que é mais fácil para eles entender o nosso português do que a nossa parca tentativa idiomática. Entretanto, na prática, normalmente acabamos, por instinto, recorrendo a um infeliz portunhol - que se mostra válido:

- Ibaté? No lo sé.

Recordo-me do nome da estância vizinha, sobre a qual havia sido alertado de que seria mais fácil procurar:

- Estancia Cimarrona, não sabes?

Si. Sempre ali, naquela carretera (estrada), diz-me o rapaz no cavalo.

Sigo o caminho. São 28 quilômetros de distância entre a estância que procuro e Isidoro Noblia, cidadezinha uruguaia de cerca de 2 mil habitantes logo após Aceguá - cidade dividida entre Brasil e Uruguai, localizada a 60 quilômetros de Bagé.

É noite. A escuridão assoma sobre a luz dos faróis. Na trilha sonora de viagem, os poemas gauchescos de Jayme Caetano

Braun falam sobre o Tio Anastácio, os quatro missioneiros, o bochincho. Também falam sobre desalento, passagem do tempo, saudade, nostalgia - e sobre cemitérios de campanha, dos quais enxergo um quando paro meu carro para fazer uma foto do anoitecer no Pampa uruguaio, da estrada que vai ficando para trás. Uma cruz, que não posso enxergar de que material seja feito, adona-se da entrada de um mausoléu. Não chega a ser um cemitério de campanha aquele, mas, naquele silêncio, naquela estrada de terra perdida no interior uruguaio, toma os ares do poema que brota do som do carro: "Onde à noite estranhas luzes / Fogoneiam tristemente..."

Passo a bifurcação com o coqueiro, a qual procurava, e sigo à direita. Dali a nove quilômetros, chegaria ao lugar que procurava, chegaria ao Seu Neil, do qual me falaram Larissa e dona Ana, respectivamente cunhada e mãe de um grande amigo, o qual me conseguira acesso àquele local. Havia encontrado dona Ana e Larissa alguma meia hora atrás, na casa de campo em que morava o esposo de dona Ana; nessa casa, receberam-me como o gaúcho deve: com chimarrão, comida, café. Enquanto eu comia, contavam-me como chegar à estância a qual precisava ir e, especialmente, contaram-me sobre

seu Neil.

- Mas qual é a tua pauta? - perguntou-me Larissa, formada em Jornalismo.

- Medo. - respondi, tomando o café.

- Ah, mas então o Seu Neil é o melhor pra ti. Ele tem vários medos! Ele sempre diz que o maior medo dele é de que matem ele lá no campo, joguem ele num buraco e daí nunca mais achem o corpo dele.

Enquanto novamente dirigia, após deixar dona Ana e Larissa, recordava: quatro meses atrás, eu havia conhecido o local quando o visitara junto de meu amigo Gabriel. Ele precisava de alguém para o acompanhar num domingo pela manhã para levar uma máquina de Melo (cidade uruguaia) à Noblia. Eu, em férias, com a namorada viajando, acompanhei o amigo.

Daquela feita, passamos pela estância Ibaté, local onde fomos deixar a máquina que trouxéramos. Ali, vivia Seu Neil, caseiro da estância, solito no más praticamente durante todo o tempo, a não ser pelos vários cachorros que viviam pela volta.

Assim sendo, eu já sabia onde eu poderia encontrar, como em poucos lugares do mundo, um medo que, parece-me, ninguém sente igual ao homem do campo. Porque, quando eu estivera ali, sentira aquele medo, mesmo sem viver naquele local.

Portanto, estava voltando à estância atrás de quem melhor poderia explicar esse medo que eu sentira. No caso, Seu Neil.

São sete e meia, mas o sol já se pôs há mais de uma hora - é outono, é o sul do continente americano, o sol tem pressa de ir embora. Abro a porteira ao lado da placa "Estância Ibaté" e passo o carro para dentro. Dirijo e espanto o gado ao redor, que vai encontrar refúgio no meio da escuridão dos campos pampeanos que se estendem de lado a lado. Passo por extensões com vegetação típica, popularmente chamada de "chirca": uma imagem, apesar de não tão literária, semelhante a grandes campos de centeio. Abro mais uma porteira e chego "às casas" da estância.

No que desço do carro, vêm os cachorros latindo. Previno-me aguardando atrás do carro, até que uma luz bruxuleante meio branquicenta surge.

- Seu Neil - falo, alto.

- Opa! - responde o senhor.

Ele chega perto, desliga a lanterna; apresento-me, pois creio que ele não terá como lembrar-se de mim. Digo o que vim fazer. Acompanha-lhe outra pessoa, a qual eu não conhecera da outra vez em que estivera ali - Rafael é o nome.

Abrem a porteira para mim. Seu Neil empurra os grandes portões do galpão, coisa de três, quatro metros de altura, portões que rangem como se tivessem vida. Guardo meu carro, pego minha mochila, e logo estamos dentro "das casas", mateando como se deve, ao lado do fogão à lenha que cozinha o jantar.

Não há luz elétrica - ou melhor, até há, mas intermitente. Por isso, Seu Neil acaba sempre ligando a luz apenas para jantar - no resto do tempo, fica do modo em que nos encontramos agora: apenas uma vela ilumina o ambiente e os três rostos que ali se encontram. Da boca de seu Neil, já não com todos os dentes, saem as primeiras histórias.

Rafael de los Santos é filho de Seu Neil. Ambos são uruguaios, mas Rafael fala um português perfeito, enquanto Seu Neil, apesar de se fazer entender, fala num portunhol cerrado, que, por vezes, tenho de pedir que repita. Mas a conversa flui, e vou descobrindo que, dos 62 anos daquele senhor nascido em um povoado fronteiriço uruguaio chamado Paço Maria Isabel, mais de 20 ele havia passado ali, naquela mesma estância situada no lugarejo de nome Mangrujo, naquele mesmo serviço. Nalgum desses 63 anos havia nascido o Rafael, que agora ali estava com seu pai, fiéis ao campo desde sempre.

Rafael está ali e vai fazer companhia a seu pai naquela noite, mas, na maior parte do tempo, seu Neil está sozinho, só ele e Deus, no meio de todo aquele campo. E, à noite, no meio de toda aquela escuridão e silêncio, sabe-se lá o que surge.

Surgem, por exemplo, ao redor daqueles campos, histórias de gente queimada, alvejada, esfaqueada, por milhares de dólares, pesos, reais - uma terra para a qual convergem moedas brasileiras e uruguaias, estadunidenses e europeias, mas não para o bem daquela terra. Piso numa das veias abertas da América Latina de que Eduardo Galeano nos fala e, por isso, ali está todo aquele dinheiro, dominando os campos de soja e arroz. E, junto dessas moedas, ali está a maldade humana, também.

A cambona chia no fogão à lenha que aquece a pequena cozinha - lá fora, deve estar algo como 8 graus. Seu Neil não toma mais o mate, já "virado", que me passa o seu filho. Rafael prossegue com a prosa, e acaba por me surpreender.

- O cara vê cada coisinha. Não é changa - faz uma pausa, olha-me e continua - Lá no Haiti, tá loco...

- Pois é, eu já vi em reportagens e tal... - comento, sem entender exatamente o porquê de falar do Haiti.

Com a pouca luz servida pela vela, espero não ter demonstrado o grau de surpresa: descubro, logo após essa frase, um ex-militar uruguaio de 37 anos, que servira durante nove anos e, durante "nove meses e sete dias", estivera em missão de paz no Haiti. E, agora, ali estava, como peão de estância, contando-me que os "nepaleses não eram changa. Aqueles quera eram brabo."

- Brabo como, Rafael?

- Brabo, che. Aqueles quera tinham só umas armas de fogo curtas, por isso eles tinham tudo que era tipo de faca.

- E o que eles faziam? Matavam os haitianos?

- Sim.

- Mas por quê? - pergunto, perplexo.

- Não sei, acho que não gostavam deles. - responde, e sorve mais um gole do amargo.

Medo. Sente-se em qualquer lugar, das mais diferentes formas: Creio que Rafael tinha medo dos nepaleses. E eu queria saber do medo.

- E como é aqui, seu Neil... digo, o senhor não tem medo de nada aqui?

Assim, descubro novas histórias. Agora, sobre os Alberti, na estância da família de mesmo nome, próxima dali: dois que, por dinheiro, foram assassinados a tiros e, depois de mortos, amarrados e queimados. A casa, conta-me seu Neil, ainda existe, perto de um galpão de pedra, com o aspecto de coisa queimada. Rafael interrompe:

- Essa bandidagem... tá loco, tem muito mato aí na volta, muita tapera. Pode ter gente escondida a qualquer hora!

Rafael me leva ali fora, na noite nublada, mas, de tempos em tempos, banhada pela lua crescente, para me mostrar o bosque onde seu Neil diz que a bandidagem pode se esconder. Logo retornamos à cozinha, onde dirijo-me a seu Neil novamente:

- E nunca aconteceu nada de estranho, seu Neil?

Eles me olham e perguntam de que "estranho", eu falava. Eu comento apenas sobre qualquer coisa estranha. Rafael dá uma risada e pergunta:

- Assombração, tu tá falando?

- É, pode ser.

Ambos dão uma risada breve, como quem não dá importância. Seu Neil diz que nunca viu nada. Pergunto sobre os outros campeiros, das outras estâncias - nunca ouviram falar de nada por eles?

- Ah, bueno, eu já ouvi - fala Rafael - de coisa que diz que acontece na estância do Veloso. Diz o negro que dorme lá que puxam as cobertas à noite; diz que dá uma luz diferente e apagam as velas... mas eu não sei, eu não acredito nessas coisas nem nunca vi.

- E eu nunca vi - repete-me seu Neil, como quem quer deixar bem claro que jamais quer ver.

- Mas seu Neil, e como é ficar sozinho aqui nessa escuridão, nesse silêncio?



Mudamos as posições. Antes Rafael e Seu Neil estavam junto ao fogão à lenha, enquanto eu estava mais afastado. Agora, permaneço no mesmo lugar, à mesa; seu Neil e Rafael, porém, estão agora também sentados à mesa, após termos jantado o macarrão com batatas (e bastante banha) e o poroto (feijão) que o fogão à lenha gentilmente cozinhava sem atrapalhar nossa conversa. Naquele silêncio, naquela escuridão, sem a televisão que tanto seu Neil gostaria para se distrair da solidão, pois ali - não esqueçamos - praticamente não há luz, a sensação é de que as coisas ganham vida, e de que os sentidos se aguçam.

- Ah, não é changa. - conta seu Neil, e prossegue. - agora ele tá acá - e aponta rapidamente para Rafael -, mas a maior parte do tempo eu tô acá, sozinho. Se dá conta - e chega mais para frente, empolga-se -, la cosa de que eu tenho mais medo é me encontrarem morto aqui. No tiene ninguém acá conmigo para ver. E aí, se eu morro?

- Uma vez - continua seu Neil, cotovelos à mesa, iluminado pela vela - aconteceu uma que vou te contar. Ele ia vir - é aponta para o filho -, era miércoles (quarta-feira), y yo digo: voy carnea. Espetei um cordeiro y, no que fui levantar o espeto, de madeira, pesado, o pau quebrou e caiu na minha cabeça. Aí cai no chão! No sé cuantos minuto tive. Depois acordei e liguei pro Rafael, que veio e me levou pro sanatorio (hospital). Daí melhorei.

- Mas vê, eu podia ter morrido aquela vez. Quem é que ia me achar aqui, solito?

Logo depois, despediríamos-nos por aquela noite - afinal, o trabalho no campo começa cedo e não tem feriado, e já eram mais de dez horas. Eu, logo após a despedida, pensaria um pouco na última frase de Seu Neil, enquanto caminhava para a outra casinha onde eu dormiria.

O campo se estendia longe, com bosques de eucaliptos aparecendo de quando em quando no campo de visão escurecido, favorecido apenas pela luz da lua, que permitia vislumbrar silhuetas. E eu, ali, naquela imensidão solitária, percebia o que significava a última frase dita por Seu Neil naquela noite.

"Faltando siete minutos para las siete de la mañana, nada más. El ministro de las Relaciones Exteriores..."

O rádio sintoniza alguma estaçãozinha uruguaia e me faz pensar em tempos de outrora, nos quais o rádio era o elemento central que reunia famílias. E ainda em espanhol... língua quente, bonita.

Estou acordado há meia hora, já sentado com Seu Neil e Rafael, o amargo aquecendo o corpo que tenta se proteger do frio, este reforçado lá fora pelo minuano castelhano. Rafael ficaria alguns minutos conosco apenas; logo, poria o macacão azul com o símbolo de uma granja e sairia para a lide campeira. Seu Neil, contudo, ainda ficaria por ali, aguardando a água da cambona esquentar para derramá-la pelo filtro de café improvisado no bocal de um vidro, desses que nossas mães utilizam para conserva. E seguiria contando sobre si.

- Quando chove... bei, fico aqui mateando, ou me deito e espero clarear o dia. Não é changa.

Ali, naqueles campos que margeavam as casas, criava-se graúdo um homem do campo que, apesar dos 63 anos, tinha seus medos, como todo ser humano. E que não negava o quanto era complicado encarar aquela solidão, aquela escuridão que se aproximava junto à noite, todas as noites...

- Nunca quis sair daqui, seu Neil?

Seu Neil está comigo do lado de fora. Já ordenhou as vacas, já tomamos café com leite fresco e quente, já mateamos pela manhã. São já próximo das 8 horas, perto de nos despedirmos. E Seu Neil olha longe no horizonte, os campos da estância de que cuida há tantos anos, antes de responder:

- Claro que já quis. Mas a gente se acostuma.

E complementa, como um vício:

- Não é changa.

Eu, ao me despedir de seu Neil, entro em meu carro, e fico ali, imaginando aquele velho senhor, sozinho no meio de todo aquele mundão por tantos dias. A imagem que crio em minha cabeça é a de seu Neil, ainda naquele mesmo dia, cevando o mate na pequena cozinha e sentando-se em seu banquinho de madeira: a própria solidão encampada pelo tempo, mateando solita ao fim da tarde.

E, dirigindo algum tempo depois, percebo que os versos cantados por Jayme Caetano Braun, que saltam do som do carro em algum momento da minha viagem de retorno, descrevem exatamente qual o maior medo que seu Neil sente naquele lugar:

*Não é a morte, meu petiço,
Pra morrer todos nascemos.
O triste é quando morremos
Abandonados assim*

PARA EXPLICAÇÃO

Changa: trabalho temporário, "bico"; "não é changa" = "não é trabalho fácil"

Solito no más: sozinho

As casas: parte da estância em que ficam concentradas as construções, como o galpão

Cambona: espécie de chaleira rústica, usada antigamente pelo homem do campo (e ainda usada) para esquentar a água

Quera: "cara". Ex.: "Aquele cara não jogava nada."

Minuano: vento frio, característico do Pampa

Lide campeira: trabalho do campo

Tapera: casas ou cabanas abandonadas no campo



Sistema Mineiro de Moura

André Lacasi
andrelacasis@gmail.com

Arethusa Silvestre Dias
arethusa_dias@hotmail.com

Ariel Engster
arielengster@yahoo.com.br

Arthur Casa Nova Nonnig
arthurnonnig@gmail.com

Arthur Wolf Hack
awhack@uol.com.br

Bruna Oliveira
bruzitah@hotmail.com

Cristian Ferreira Pheula
cpheula@hotmail.com

Daiane Vivian Pomatti
daivp@hotmail.com

Guilherme Fumeo Almeida
almeida_gf@hotmail.com

Isadora Spinelli Jacoby
isadorajacoby@gmail.com

Júlia Pellizzari
juu__aaa@hotmail.com

Laís Guimarães Webber
laiswebb@yahoo.com.br

Laura Becker da Luz
lali__bl@hotmail.com

Maitê Deluca König
maitedeluca@gmail.com

Marcel Hartmann
marcelprestes@msn.com

Melissa Ávila Peres
melissa.peres@hotmail.com

Natasha Wolwacz Heinz
natasha.wh@hotmail.com

Patrícia Guimarães
patyguimaraesfe@hotmail.com

Patrícia Soldatelli Valente
patyzynh@hotmail.com

Priscila Berwaldt Daniel
pri-beda@hotmail.com

Priscila Pacheco
priscilakichlerpacheco@gmail.com

Stefanie Cime
stefaniescime@gmail.com

Stéfano Moura
stefanomdemoura@gmail.com

Wladymir UNgaretti
wladya@terra.com.br



CONTATO

COMISSÃO EDITORIAL

André Lacasi
Laís Webber
Natasha Heinz
Priscila Pacheco
Stephanie Cirne

REVISÃO

Laís Webber
Natasha Heinz
Priscila Pacheco
Stephanie Cirne

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

André Lacasi

TRATAMENTO DE IMAGEM

André Lacasi

CAPA

André Lacasi

ORIENTAÇÃO

Wladimir Ungaretti

IMPRESSÃO

Gráfica da UFRGS

TIRAGEM

700 exemplares

AGRADECIMENTOS

Dante Roman, Samantha Diefenthaler e todos os entrevistados que se dispuseram a expôr suas vidas e seus medos.

FABICO - 2012/1

3x4 é uma publicação experimental para a disciplina de Jornalismo Impresso III da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

3X4 MEDO

